



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURAS**

MAYNARA COSTA DE CAMPOS MOURA

**DAS BOCAS ÀS MÃOS MEXEDEIRAS: MARCAS CULTURAIS E
IDENTITÁRIAS NA LITERATURA SURDA**

Jacobina/BA

2018

MAYNARA COSTA DE CAMPOS MOURA

**DAS BOCAS ÀS MÃOS MEXEDEIRAS: MARCAS CULTURAIS E
IDENTITÁRIAS NA LITERATURA SURDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas, da Universidade do Estado da Bahia - *Campus IV*, como requisito para obtenção do título de licenciatura em Letras Vernáculas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Juliana Cristina Salvadori

Co-orientador: Prof. Me. Daniel Neves dos Santos Neto

Jacobina/BA

2018

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Maynara Costa de Campos Moura

**DAS BOCAS ÀS MÃOS MEXEDEIRAS: MARCAS CULTURAIS E IDENTITÁRIAS
NA LITERATURA SURDA**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação –
Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas, da Universidade do Estado
da Bahia, Departamento de Ciências Humanas – DCH – IV.

Profa. Dr^a. Juliana Cristina Salvadori (Orientadora) – UNEB

Prof. Me. Daniel Neves dos Santos Neto (Coorientador) – IFBA

Profa. Esp. Juliana Matos Macêdo (Membro interno) – UNEB

Prof. Esp. Wermerson Meira Silva (Membro externo) – UESB

Aprovado pela banca examinadora em ____/____/____.

Dedico esse trabalho à Deus, pois tudo o que faço é por Ele, por meio dEle e para Ele.

Aos meus pais, por me mostrarem que o melhor caminho se faz através da educação.

Ao meu esposo por ter me concedido o apoio, carinho, tempo e motivação para a realização dessa pesquisa.

À comunidade surda brasileira por suas mãos literárias.

AGRADECIMENTOS

Como tenho dito, gratidão é um dos sentimentos mais nobres que há no mundo, por esse motivo, não poderia deixar de destacar, entre tantas outras, pessoas a quem eu agradeço imensamente pela contribuição na minha trajetória acadêmica e nesse resultado de pesquisa que vos apresento.

Primeiramente, rendo graças a Deus pelo dom da vida. Agradeço por sua onipresença nessa pesquisa e na minha vida. Por ter movido cada pessoa em especial para me auxiliar e estar comigo nessa caminhada. Pela felicidade que sinto agora, em concluir um trabalho sonhado, antes, por Ele, depois por mim. Por seu incondicional amor.

À minha mãe que através do seu exemplo de filha, mãe e professora, pude me tornar a pessoa que sou hoje, por ser fonte inesgotável. Sem o seu amor, apoio e incentivo à educação, certamente, nada disso seria possível.

Ao meu pai (*in memoriam*), que nunca hesitou em vibrar com minhas conquistas, que sempre depositou em mim a esperança de que meus objetivos poderiam ser alcançados, pois assim dizia: “Nega, tudo que você quiser você consegue”.

Ao meu marido, Vasco Rodrigues, pelo incentivo aos estudos, pelas palavras sempre motivadoras e carinhosas, por sempre acreditar que tudo ia dar certo, pelo seu cuidado sem reservas, sobretudo, pelo companheirismo e amor.

A toda a minha família, irmãos/as, tios/as, avós/ôs, primos/as, cunhadas, pelo apoio e por sempre demonstrarem contentamento em minha vida acadêmica.

Aos meus orientadores, Juliana Salvadori e Daniel Neves. Juliana pela atenção dada a mim e a esse trabalho, por ter aceitado o desafio de caminhar comigo pela Literatura surda e ter sido tão excelente numa temática, até então, pouco conhecida. Por ser uma das minhas maiores inspirações acadêmicas, no que se refere à pesquisa e a seriedade e competência com que encara suas ações. A Daniel pela cumplicidade durante todo o percurso dessa pesquisa, por ser sempre muito solícito e disponível nas minhas inquietações, por compartilhar comigo seu vasto conhecimento no campo dos Estudos surdos.

À professora de TCC, Ana Lúcia Gomes, por sua competência docente, pelo comprometimento, e pelo seu olhar/cuidado individual e sensível a cada uma das pesquisas.

À escritora Maria Amin por, gentilmente, ter me enviado a obra “Um mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras”, que, por sua vez, é o meu *corpus* de pesquisa, e por permitir sua anexação nesse trabalho.

Ao grupo de pesquisa – Leitura, Literatura e formação do leitor – Lefor, na pessoa da professora Denise Dias, por ter me impulsionado a realizar pesquisas relacionadas aos estudos literários marginalizados, contemporâneos.

Ao grupo de estudos e pesquisa em educação de surdos – Gepes, pelas contribuições teóricas sobre a surdez. Esse grupo promoveu e vem promovendo excelentes discussões acerca do sujeito surdo e suas implicações sociais.

Ao professor Isaac Freitas, a quem devo minha competência linguística em Libras, por ter me ensinado e auxiliado no uso da escrita de sinais, por ser fonte de inspiração no que se refere aos estudos em Língua de Sinais, pela disponibilidade em auxiliar nas minhas questões de pesquisa sempre que preciso. Por ser luz.

À minha amiga tradutora/intérprete de Libras, Thaianne Macambira, por ter contribuído na inserção da escrita de sinais deste trabalho, pelo companheirismo e parceria profissional.

Ao meu amigo, tradutor/intérprete de Libras, Davi Lima, pela sua solicitude em atender às minhas questões relacionadas à Libras.

Ao professor Radamés Benevides, por ter me inspirado à docência em Língua Portuguesa, pelo seu olhar diferenciado em relação ao ensino, pelo incentivo à leitura, por acreditar em mim.

À Gerly Lima, uma grande amiga/parceira que a UNEB me proporcionou conhecer, pelos auxílios e conselhos que me acompanharam durante todo o meu processo de formação. Por muito ter contribuído no meu amadurecimento acadêmico.

Aos meus professores da universidade, pelo compartilhamento de conhecimentos e aprendizagens. À minha turma por dividir as angústias e conquistas, pelas parcerias,

especialmente, às minhas amigas Tauana Manoela, Debora Martins e Ilma Cezário, pela escuta, pela amizade, histórias e experiências vividas.

Ao ministério com surdos da Primeira Igreja Batista de Campo Formoso, por ter me proporcionado contato com a comunidade surda, por ter sido ponto de partida na minha trilha aos estudos surdos, por ter me despertado empatia sobre as diferenças culturais.

À minha amiga/irmã/xará, Maynara Mendonça, pelo dom da escuta. Por em diversos momentos, nos bons e nos maus, transmitir-me leveza com seu jeito puro e simples de ver e levar a vida. Por ser companhia nas madrugadas em que intercalava conversa boa e escrita. Por compartilharmos um amor em comum, a Libras.

Aos surdos, a quem indico o protagonismo dessa pesquisa, pelas experiências e troca linguística.

A esta instituição, por ter me dado condição de me manter nesta cidade, com seus programas de bolsas de estágio e monitoria, e por sua política de ensino, pesquisa e extensão que muito contribuiu para a minha formação.

A todos e todas que direta ou indiretamente fizeram parte dessa pesquisa. A vocês meus sinceros agradecimentos.

*Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos! Por que quem compreendeu a mente do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro? Ou quem lhe deu primeiro a Ele, para que lhe seja recompensado? **Porque dEle, e por Ele, e para Ele, são todas as coisas.** (Romanos, 2012, 11:33-36^a)*

MOURA, Maynara Costa de Campos. **Das bocas às mãos mexedeiras: marcas culturais e identitárias na literatura surda.** Monografia (Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas). Departamento de Ciências Humanas – DCH IV, Universidade do Estado da Bahia, 2018.

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender como a Literatura Surda entremeia as questões de identidade, língua e cultura surda. Por meio deste estudo buscamos responder à seguinte questão de investigação: como a Literatura surda entremeia as questões de identidade, língua e cultura surda, especificamente, na obra “Um mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras”? Para fundamentar esse percurso investigativo, esta pesquisa se subsidia nas autoras Lodenir Karnopp (2008), Karin Strobrel (2008), e nos autores Candido (2002), Mourão (2011), Hall (2006), e outros, que tratam sobre a Literatura Surda e seus marcadores identitários e culturais, bem como sobre aspectos literários contemporâneos. O percurso metodológico desta pesquisa se inspira nos pressupostos teóricos e metodológicos da pesquisa literária, sob a ótica dos Estudos Culturais que considera, na perspectiva da crítica literária, os elementos culturais, históricos, literários e linguísticos que constituem a obra e que produzem representações acerca do ser surdo na contemporaneidade. Para isso, utilizamos como *corpus* de pesquisa a narrativa “Um mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras”, escrito por Maria A. Amin de Oliveira, Maria Lúcia Mansur Bomfim de Oliveira e Ozana Vera Giorgini de Carvalho, que foi traduzida pela pedagoga surda Luciane Rangel e pelo professor ouvinte Luiz Carlos Freitas e gravada em DVD em LIBRAS pelo ator e cinegrafista surdo Nelson Pimenta, numa produção da LSB Vídeo. Os principais resultados apontados nessa pesquisa investigativa foram a contribuição para os estudos literários que conferem uma centralidade aos sujeitos surdos, além de colaborar com a educação de surdos e com o ensino de Literatura Surda na educação básica por colocar em evidência a LIBRAS e a materialidade das experiências surdas, proporcionando discussões que destacam as questões identitárias, culturais e linguísticas do povo surdo que cada vez mais se inserem no contexto escolar e social. Para os estudos surdos a sua relevância está na representação das potencialidades linguísticas, culturais e identitárias expressas na produção literária surda, além de colocar em evidência as experiências visuais da pessoa surda e a questão da língua de sinais como marcadores culturais dos povos surdos.

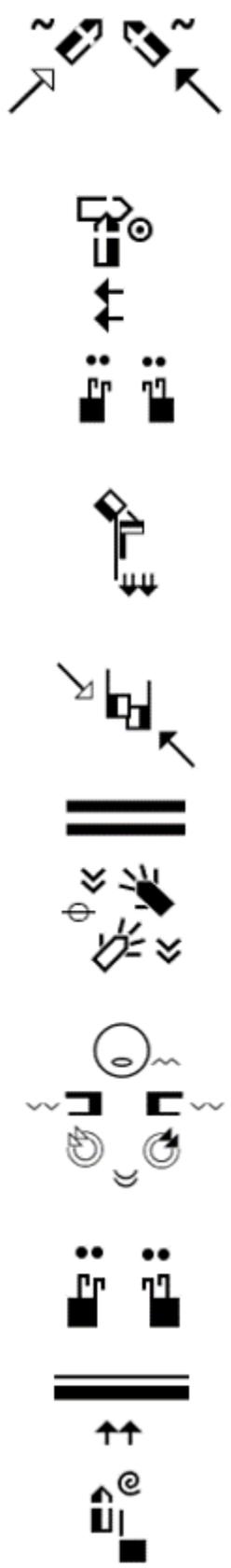
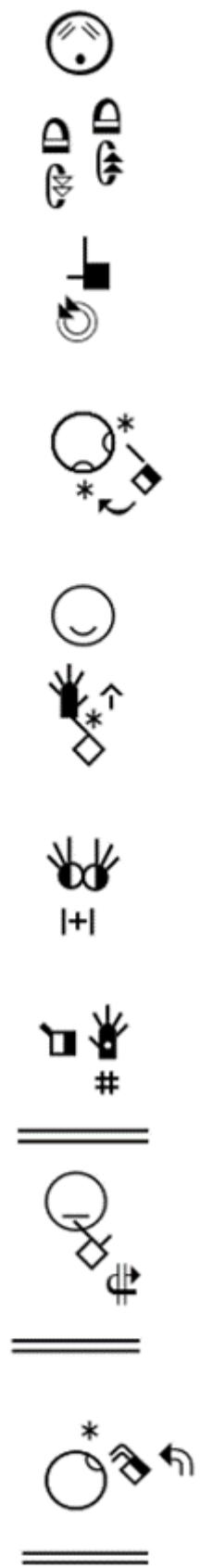
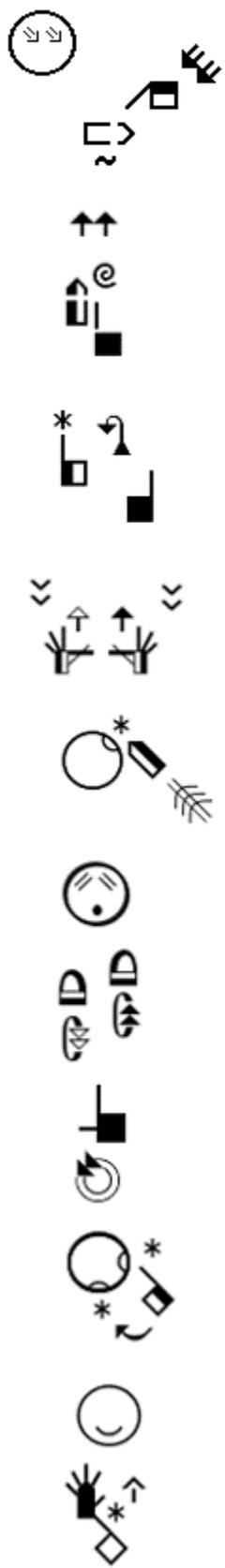
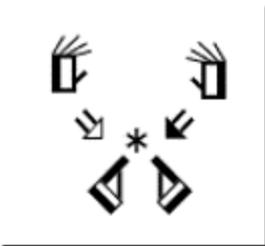
Palavras-chave: Literatura Surda. Língua de Sinais. Cultura e Identidade.

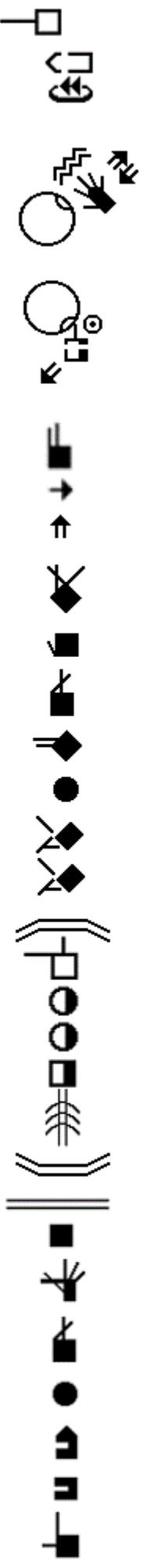
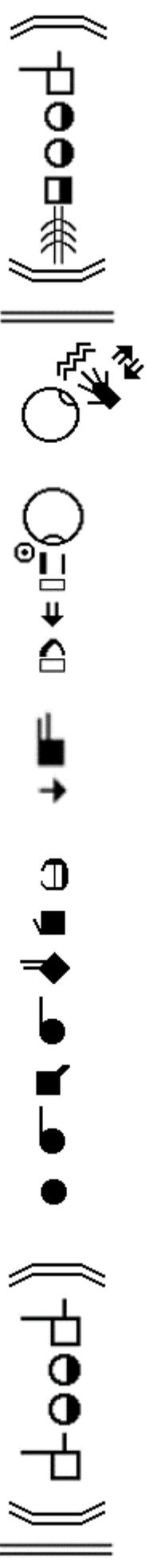
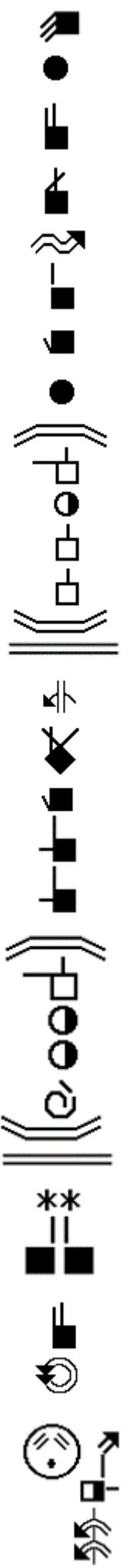
MOURA, Maynara Costa de Campos. **From the mouths to the bustling hands: cultural and identity marks in deaf literature.** Monografia (Licenciatura in Letters Portuguese Language and Literatures). Department of Human Sciences - DCH IV, State University of Bahia, 2018.

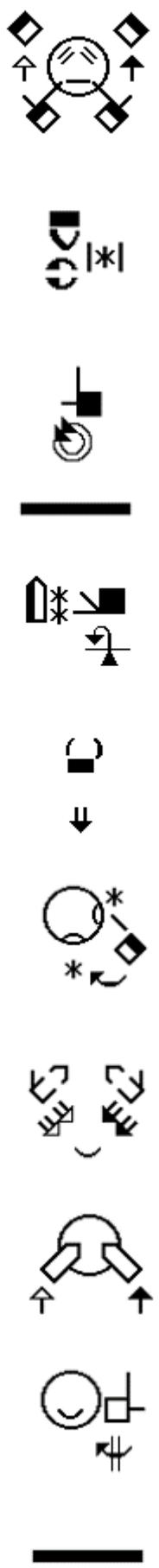
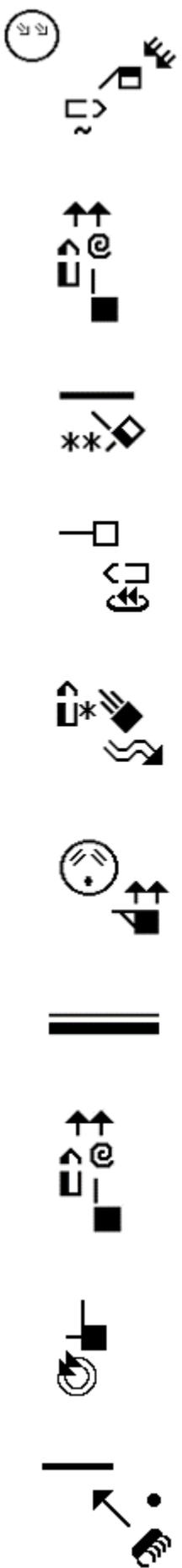
Abstract

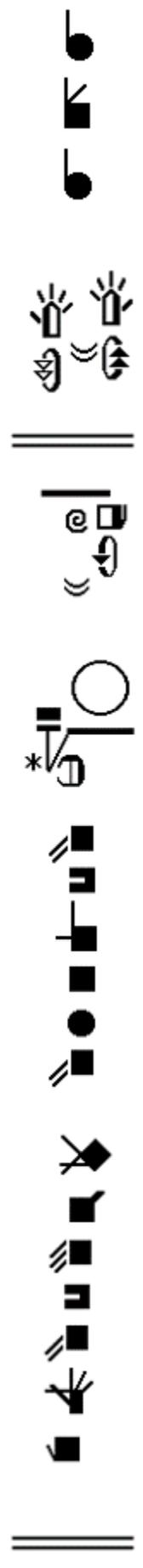
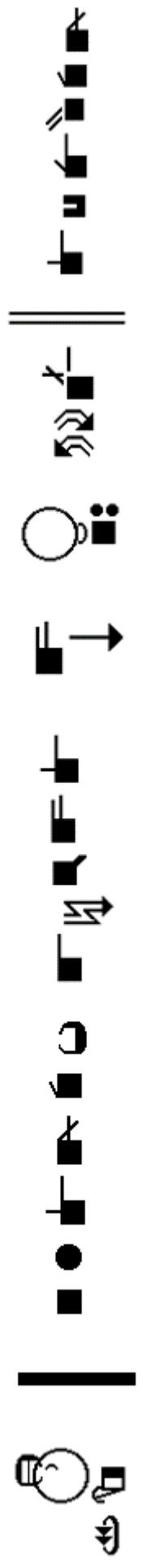
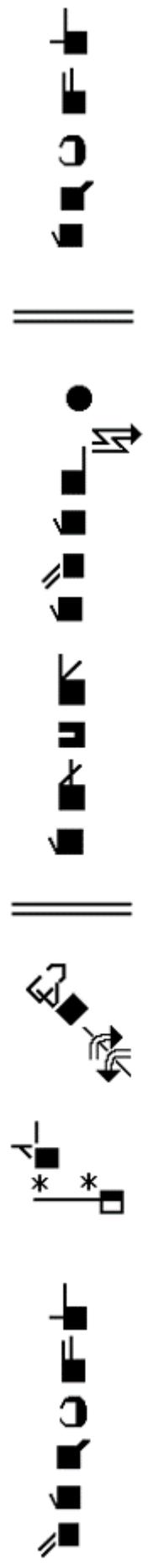
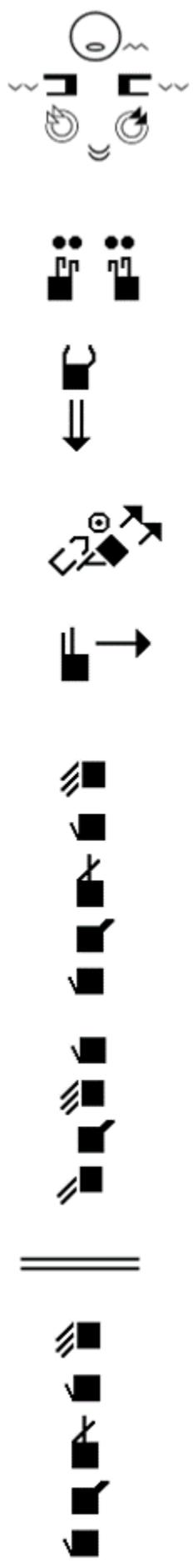
This study aims at understanding how Deaf Literature intertwines identity, language and deaf culture. The investigative question posed is: how does deaf literature intertwine identity, language and deaf culture in the text “Um mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras”? Based on Lodenir Karnopp (2008), Karin Strobrel (2008), Candido (2002), Mourão (2011), Hall (2006), among others, we have discussed Deaf Literature and its identity and cultural markers, as well as contemporary aspects of literature. The methodological approach of this study is based on Cultural Studies framework regarding historical, literary and linguistic aspects of texts and the representations of deaf people in contemporaneity. “Um mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras”, by Maria A. Amin de Oliveira, Maria Lúcia Mansur Bomfim de Oliveira and Ozana Vera Giorgini de Carvalho, translated by deaf pedagogue Luciane Rangel and hearing professor Luiz Carlos Freitas, recorded in DVD in LIBRAS by deaf actor and producer Nelson Pimenta, (LSB Vídeo). The main findings point to the contributions of such studies to literary field by highlighting deaf subjects and their experiences, their education and the teaching of LIBRAS in social and educational contexts regarding culture, identity and language. For deaf studies the relevance of such work is in the representation of identity, cultural and linguistic potentialities of deaf literature, focusing on visual experiences of deaf subjects and sign language as cultural markers of deaf communities.

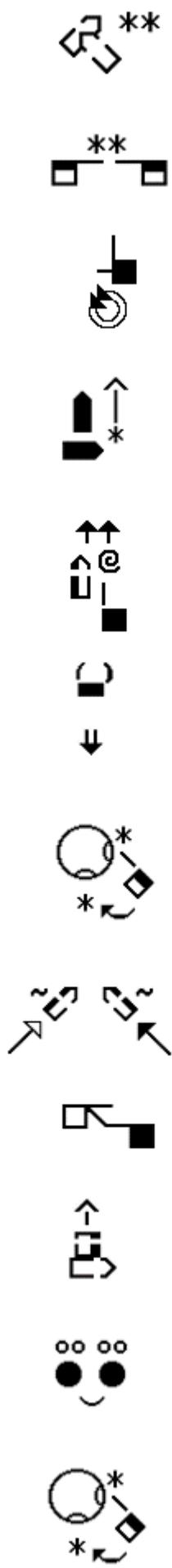
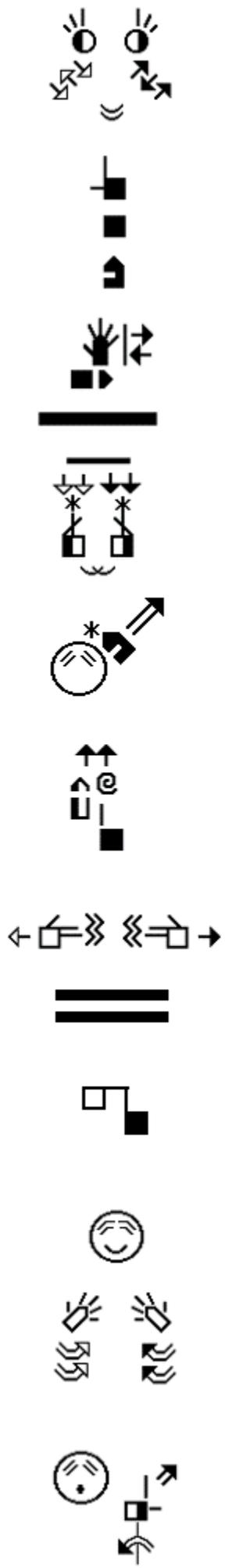
Keywords: Deaf Literature. Language. Culture. Identity.

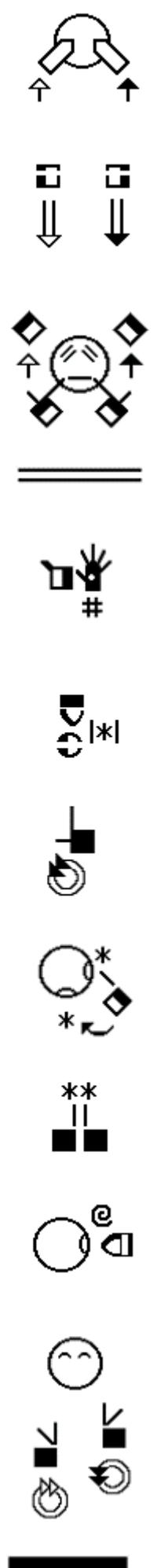
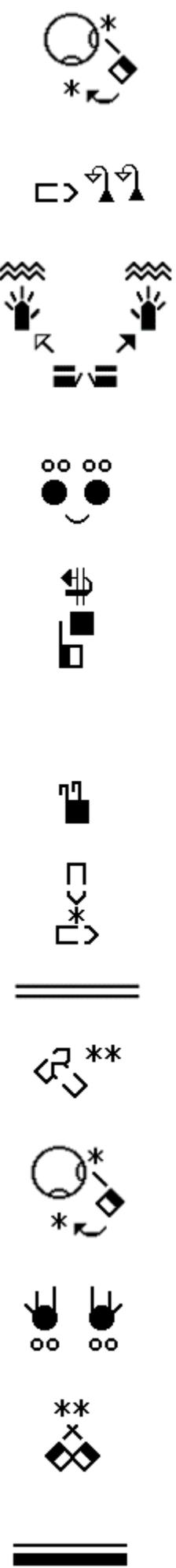












LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES

LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LP	Língua Portuguesa
LS	Língua de Sinais
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
LSB	Língua de Sinais Brasileira
DVD	Disco Digital Versátil
UNIVASF	Universidade Federal do Vale do São Francisco
L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Obras traduzidas para Libras no Brasil (2000 - 2013)	38
Quadro 2 – Traduções adaptadas para a cultura surda (2003 - 2014)	40
Quadro 3 – Criações de narrativas e poesias por autores surdos (1999 - 2012)	41
Quadro 4 – Descritores e resultados das pesquisas relacionadas à Literatura Surda.....	47
Quadro 5 – Resultados estreitamente ligados às categorias dessa pesquisa cultura, identidade e língua	48

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ilustração do livro: descobrindo o mundo das mãos	58
Figura 2 – Ilustração do livro: um quebra-cabeça	61
Figura 3 – ilustração do livro: o mundo das bocas mexedeiras	63
Figura 4 – Ilustração do livro: um quebra cabeça	65
Figura 5 – Ilustração do livro: mistério resolvido	67
Figura 6 – Ilustração do livro: mistério resolvido	67

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - A PESQUISADORA E A PESQUISA.....	22
1 CONTEXTUALIZANDO O MOVIMENTO HISTÓRICO-POLÍTICO DAS COMUNIDADES SURDAS.....	27
2 LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA – IMPLICAÇÕES TEÓRICAS E CONCEITUAIS.....	30
2.1 LITERATURA SURDA.....	34
3 PERCURSO METODOLÓGICO – PONTO DE PARTIDA.....	43
3.1 ACHEGANDO-ME AO OBJETO E AO <i>CORPUS</i> DA PESQUISA – DELINEAMENTO METODOLÓGICO.....	44
4 ANÁLISE DA OBRA – UM MISTÉRIO A RESOLVER: O MUNDO DAS BOCAS MEXEDEIRAS – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	53
4.1 “A LÍNGUA DE SINAIS ERA MINHA LUZ, MEU SOL, NÃO PARARIA MAIS DE ME EXPRESSAR” – A QUESTÃO DA LÍNGUA DE SINAIS NA LITERATURA SURDA.....	54
4.2 “SOU SURDO! O MEU JEITO DE SER JÁ MARCA A DIFERENÇA!” – A QUESTÃO CULTURA.....	59
4.3 “ELE VENDEU IDENTIDADE FINGIR ‘SER OUVINTE’ E COMPROU IDENTIDADE ‘SER SURDO’” – AS QUESTÕES IDENTITÁRIAS.....	65
CONSIDERAÇÕES (IN)CONCLUSIVAS.....	73
REFERÊNCIAS.....	76
ANEXOS.....	81

INTRODUÇÃO - A PESQUISADORA E A PESQUISA

Os pesquisadores têm uma história pessoal que os situa como investigadores.

(John W. Creswell, 2014)

As políticas públicas educacionais voltadas para surdos no Brasil têm se constituído a partir de intensos debates entre movimentos surdos e legisladores que buscam impulsionar, juntamente com contribuição efetiva das comunidades surdas, medidas de inclusão e acessibilidade na sociedade brasileira.

Não obstante todo o movimento histórico percorrido pelas comunidades surdas com/em ações e documentos legais, no que tange às construções políticas, direitos de acessibilidade e inclusão adquiridos e a difusão da LIBRAS na sociedade, podemos perceber que essas discussões ainda encontram-se restritas à comunidade surda e a pesquisadores da área. Isso implica dizer que há necessidade de fomento, visibilização sobre essas questões de modo mais abrangente, pois uma vez percebida a carência dessa temática em outras áreas de ensino, faz-se pertinente que não seja somente socializada em cursos de Letras-Libras, por exemplo, mas sim, em âmbitos educacionais como um todo. Inclusive, segundo o Decreto 5.626/2005, Art. 13, o ensino de língua portuguesa como segunda língua para pessoas surdas deve ser incluído como disciplina curricular nos cursos de Letras – Língua Portuguesa. Assim também, segundo o Art. 3, deve ocorrer com a disciplina de Libras nos cursos de formação de professores. É um movimento, portanto, que abre espaço para a pesquisa relacionada aos estudos surdos nos cursos de Letras – Língua portuguesa.

É possível, nesse sentido, vislumbrar a relevância das produções em Libras, principalmente a Literatura Surda, para os estudos relacionados à identidade, cultura e à própria Língua de Sinais, pois nessas construções narrativas estarão presentes aspectos como representatividade, experiências surdas, consolidação das subjetividades surdas, manifestações culturais surdas, dentre outras questões.

Por isso, entendemos a importância de discussões sobre Literatura Surda – muitas delas produzidas em Língua Portuguesa (LP) seguida de tradução em Libras, ou produzidas em Libras seguidas de tradução para Língua Portuguesa (LP) – nos cursos de Língua Portuguesa, de línguas estrangeiras e de formação de professores.

Entendemos aqui a Literatura Surda como produções que narram fortemente valores e experiências surdas.

Diante do exposto, entende-se a importância de estudos que contribuam para ampliação dos aspectos concernentes à Libras e suas manifestações socioculturais. E para tanto, a proposta dessa pesquisa é justamente trazer à tona o artefato cultural da literatura surda como representação identitária do sujeito surdo, levando em consideração ao que diz Strobel (2008) a respeito de artefato cultural, quando diz que “não se referem apenas a materialismos culturais, mas àquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo” (STROBEL, 2008, p. 37).

Assim também, Karnopp (2010) nos leva a compreensão de que:

A expressão “literatura surda” é utilizada [...] para histórias que têm a língua de sinais, a identidade e a cultura surda presentes na narrativa. [...] é a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente. (KARNOPP, 2010, p. 161).

Sendo assim, para melhor identificação dessa literatura que incorpora a representatividade social e cultural do sujeito, neste caso, o sujeito surdo, apontaremos alguns desdobramentos do conceito, ou dos vários conceitos que se tem sobre literatura.

Apesar dos estudos culturais terem proposto uma discussão mais aberta e ampliada sobre Literatura, ainda somos atingidos pela corrente burguesa que se limita a considerar Literatura a tradição cultural erudita. Segundo Lajolo (1989), “a definição de literatura depende muito do ponto de vista, do sentido que a palavra tem para cada um, da situação na qual se discute o que é literatura”. Dessa forma, [...] “Não existe uma resposta correta, porque cada tempo, cada grupo social tem suas respostas e sua definição para literatura” (LAJOLO, 1989, p. 25).

De fato, as manifestações literárias estão inteiramente ligadas ao seu lugar de pertencimento, à comunidade e a cultura em que se está inserido. Essas produções refletem seus modos de viver e se constituem retratos/registros de suas vivências e memórias.

Para Cândido (2002), a Literatura representa o ser humano, diz sobre ele. Ela é a transposição do real que reflete a vida e possui uma função humanizadora: “a literatura é algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem”

(CANDIDO, 2002, p. 80). Neste sentido, é possível afirmar que a literatura tem um papel de formação identitária significativa, afinal de contas, ela identifica quem a produz e torna-se identificável para aquele que a aprecia.

Entendendo a relação estreita entre língua e identidade, abordaremos as questões e conceitos apontados por Hall (2006), sobretudo, quando ressalta que “nossas afirmações são baseadas em proposições e premissas das quais nós não temos consciência, mas que são, por assim dizer, conduzidas na corrente sanguínea de nossa língua” (HALL, 2006, p. 41). Isso nos leva a pensar que toda e qualquer forma de manifestação linguística, política, social, cultural estará sempre vinculada à língua. Hall (2000) utiliza identidade:

Para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar” (Hall, 2000, p. 111-112)

Portanto, é ela que possibilitará a expressividade de um povo e que permitirá ter acesso e o (re) conhecimento sobre si e sobre o outro. Dessa mesma forma, também acontece nas produções literárias surdas, como afirma Mourão (2016). No caso das línguas de sinais, a utilização do conceito de literatura não se aplica somente a escritas literárias, mas também envolve os registros visuais desta língua a partir das produções em vídeo. Nessa língua podemos identificar os visuais estéticos que transmitem o prazer e conforto linguístico.

Para exemplificação dessas abordagens teóricas que acabamos de expor, trataremos como *corpus* da pesquisa a produção literária “*Um mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras*”, escrito por Maria A. Amin de Oliveira, neurologista infantil, Maria Lúcia Mansur Bomfim de Oliveira, professora de Português e Literatura Brasileira e Ozana Vera Giorgini de Carvalho, pedagoga. A narrativa foi traduzida pela pedagoga surda Luciane Rangel e pelo professor ouvinte Luiz Carlos Freitas, e gravada em DVD em LIBRAS pelo ator e cinegrafista surdo Nelson Pimenta, numa produção da LSB Vídeo¹. A escolha da obra deu-se por se constituir uma ficção

¹ A LSB Vídeo é uma marca carioca, feita para surdos e amigos de surdos. Sua missão é contribuir para o processo de inclusão social e desenvolvimento da criatividade e identidade do surdo, através de produtos e serviços focados na educação, na comunicação e na capacitação de surdos e ouvintes, com a difusão da língua de sinais brasileira.

narrativa, sendo um conto literário da categoria infanto-juvenil e, sobretudo, pela abordagem identitária marcada pela experiência de uma criança surda.

O tema passa a ser do meu interesse, primeiro, pela minha aproximação com a Libras que se deu, em primeira instância, no contexto religioso, no qual realizava, e realizo até hoje, interpretações sinalizadas em Libras/Língua Portuguesa de pregações, palestras bíblicas, músicas, conferências, congressos, peças teatrais, etc. Sempre me atraiu as traduções e interpretações de música. Comecei, então, a perceber quão complexas e belas eram as representações feitas em Língua de Sinais. Depois, quando em 2015 iniciei um curso de formação de tradutores e intérpretes de Libras², promovido pela UNIVASF – *Campus* Senhor do Bonfim-BA, e nele passei a conhecer algumas produções poéticas, dentre elas “A árvore de natal” da poeta surda Fernanda Machado, e assim comecei a me questionar se tanto as traduções de música quanto as produções poéticas surdas constituiriam o escopo da Literatura Surda. Concomitantemente com essas novas perspectivas em relação à Língua de Sinais, na graduação também estava vivenciando novas experiências literárias. Foi quando passei a me interessar por literaturas marginalizadas, isto é, aquelas que estão à margem da sociedade, subversivas ao cânone literário – debate que apresento de forma um pouco mais aprofundada no capítulo 2, que discute a literatura brasileira contemporânea. Nesse entrelaçar de experiências recém-adquiridas, me vi pesquisando sobre as problemáticas que circundam a Literatura Surda, sua origem, seus conceitos, seus objetivos, especificidades. Enfim, quando notei, já estava inserida nesse campo literário dos estudos surdos – uma trajetória melhor explicitada no capítulo metodológico, no qual me proponho a falar sobre o ponto de partida e percurso da pesquisa.

Desta feita, o valor dessa pesquisa parte da sua relevância não só para os estudos culturais das comunidades surdas, mas também para a sociedade em geral, especialmente, no âmbito educacional, que de alguma forma irá se deparar com questões relacionadas ao ensino, aprendizagem, competências e habilidades do indivíduo surdo.

Se compararmos aos estudos de Literatura e obras produzidas pela comunidade ouvinte em Língua Portuguesa, constatamos que ainda são incipientes os estudos relacionados à literatura surda, bem como os aspectos envolvidos na sua produção –

² Para maiores informações sobre esse curso, visite o site: <http://proex.univasf.edu.br/formacao-de-tradutores-e-inteprtes-de-libras-no-campus-da-tapera/>.

fato este que está diretamente relacionado à (in) visibilidade e à negação da própria Língua de Sinais. É nesse contexto, e por esse motivo, que me permito adentrar nesse recorte dos estudos surdos.

O objetivo central dessa proposta é compreender como a Literatura surda entremeia as questões de identidade, língua e cultura surda, e dessa forma, compreender a seguinte questão investigadora: como a literatura surda entremeia as questões de identidade, língua e cultura surda, especialmente, na obra “Um mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras?”

Assim, diante da problemática exposta, seguimos a pesquisa versando sobre os aspectos linguísticos, culturais e identitários intrínsecos à literatura surda, apresentando os resultados obtidos em análise específica da obra, entendendo que esse seguimento poderá contribuir para os estudos surdos. Para tanto, a organização desse estudo deu-se da seguinte forma:

a) no segundo capítulo apontamos algumas implicações no que se refere às diferentes perspectivas teóricas acerca do conceito de literatura, fazendo uma apontamento para as versões contemporâneas de novas produções literárias. Além disso, apresentamos um panorama histórico da literatura surda, e sobretudo refletiremos sobre essa abordagem apresentando como essa produção é constituída – quais as temáticas que norteiam essas obras, por quem e de que forma é produzida, enfim, buscamos teorizar a literatura surda para, então, entender os processos culturais e identitários nela presentes;

b) No terceiro capítulo, discutimos o percurso metodológico, os caminhos e desafios trilhados para de chegar ao objeto e ao corpus de pesquisa, e dessa forma, delineamos os aspectos teóricos e metodológicos, e técnica de análise.

c) Por fim, no quarto capítulo, trouxemos as considerações realizadas acerca das questões identitária, culturais e linguísticas envolvidas na produção literária analisada. Dessa forma, discutimos as implicações da Língua de Sinais na obra, considerando a Literatura surda enquanto artefato que possibilita o registro da Libras, que historicamente foi negado. Abordamos a obra enquanto artefato cultural, à luz de Karin Strobel (2008), e como a cultura surda é refletida na narrativa em questão. Outrossim, refletimos as questões identitárias encontradas na obra, abordando os aspectos culturais nela envolvidos e como ela entremeia a questão da identidade surda.

1 CONTEXTUALIZANDO O MOVIMENTO HISTÓRICO-POLÍTICO DAS COMUNIDADES SURDAS

O percurso histórico da educação de surdos, bem como do reconhecimento da Língua de Sinais no Brasil, é marcado por acontecimentos que transcendem as fronteiras brasileiras. Um fato/destaque marcante dessa trajetória deu-se em 1880, num congresso internacional de educadores surdos, na Itália - o famoso Congresso de Milão - que proibiu as Línguas de Sinais em todo o mundo e reverberou negativamente na educação de surdos no Brasil até a segunda metade do século XX.

De acordo com Barbosa (2007), a razão principal desse congresso era a defesa da proposta oralista, subjugando a Língua de Sinais como imprópria e inferior, destinada àqueles que eram considerados para a sociedade francesa como “anormais.” Contudo, a ineficiência do método de oralização foi constada, pois perceberam que os procedimentos utilizados para a educação das crianças surdas não revelavam nenhuma contribuição para o seu desenvolvimento intelectual (MOURA, 2000).

De acordo com Sacks (2010, p. 35) “o oralismo e a supressão da Língua de Sinais acarretaram uma deterioração marcante no aproveitamento educacional das crianças surdas e na instrução dos surdos em geral”. Fernando Capovilla (2000, p. 102), pesquisador, dentre outras áreas, da educação de surdos no Brasil, reforça a ineficácia do método oralista afirmando que:

Como resultado, foi observado um rebaixamento significativo no desenvolvimento cognitivo dos surdos. Infelizmente, no entanto, em vez de ser percebido como consequência do método, tal rebaixamento passou a ser usado como prova da importância da linguagem oral para o desenvolvimento cognitivo dos surdos. (CAPOVILLA, 2000, p. 102)

Compreende-se que esse processo de normalizar o surdo, fazendo-o utilizar as língua orais, em detrimento da Língua de Sinais, acarretou grandes prejuízos aos sujeitos surdos tanto nas relações sociais, quanto no seu desenvolvimento intelectual cognitivo.

No Brasil, em 1856, fundou-se o primeiro Instituto para surdos, Instituto de Surdos - Mudos segundo a Lei nº 839 de 26 de setembro de 1857, que mais tarde, pela Lei nº 3198, de 6 de julho de 1957, passa a se chamar Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)³. Apesar da instauração do INES ter demonstrado um

³ Para mais aprofundamento sobre o Ines e suas ações, consultar o site: <http://www.ines.gov.br/conheca-o-ines>.

grande avanço no país, os métodos oralistas se perduraram por muitos anos no espaço educacional.

Moura (2000) destaca que hoje, o INES, depois de vários estudos e comprovações, defende a ideia do bilinguismo, que reconhece a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), como sendo sua primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa sua segunda língua (L2). Isso significa dizer que o processo de ensino e aprendizagem deverá ter a Libras como a língua de instrução para esse sujeito, com propostas pedagógicas e metodologias específicas que conferem centralidade à línguas de sinais. A Língua Portuguesa, nesse caso, deverá ser ensinada na sua modalidade escrita considerando as especificidades linguísticas do indivíduo surdo.

Cabe aqui, também, destacar alguns dos principais documentos oficiais que legitimam o direito de equidade de ensino do sujeito surdo, e, para além disso, fortalece a liberdade do direito e fomento da LIBRAS.

Temos a Declaração de Salamanca (1994) que considera os aspectos linguísticos das pessoas com deficiências sensoriais, incluindo nesse grupo as pessoas surdas e surdocegas. Ela assegura a importância das minorias linguísticas e considera a Língua de Sinais como meio de comunicação das comunidades surdas e de outras pessoas com deficiências que dela que se beneficiarem.

A lei 10.436 sancionada em 2002 foi um dos maiores avanços para as comunidades surdas brasileiras, uma vez que reconhece a Língua Brasileira de Sinais como a língua dessas comunidades e garante outras providências e direitos, sobretudo no que diz respeito à sua educação.

Cabe também ressaltar o Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que trouxe importantes contribuições inovadoras para a educação dos surdos. O art. 2º desse decreto valoriza as questões identitárias marcadas pelo uso da LIBRAS, uma vez que considera pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Não obstante a relevância do decreto supracitado, cabe aqui destacar a forma com que esse documento considera a pessoa surda – como aquela que teve perda na audição. Essa é uma ótica que nos leva a duas implicações: quando se fala em “perda”, fala-se da pessoa que antes era ouvinte e posteriormente perde a audição parcial ou totalmente. A partir daí, o que acontece, geralmente, é a busca pela reabilitação da audição através de aparelhos auditivos, próteses e/ou implantes cocleares. Nesses casos, são

poucas as pessoas que buscam se identificar com as comunidades surdas e/ou passam a acessar a Língua de Sinais. Em contrapartida, quando se fala da pessoa que nasce com a surdez profunda ou severa, a consciência de perda não é fator recorrente, isso porque, muitas das vezes, esse sujeito também não possui uma consciência fonológica. Sendo assim, a pessoa surda, nessas condições, também é aquela em que as identidades são construídas a partir da presença das experiências visuais, das línguas de sinais e dos artefatos culturais das comunidades surdas, e não somente a partir da falta/perda/ausência de audição como aponta o decreto.

É importante salientar a frequente e crescente movimentação política nas comunidades surdas em favor da visibilidade da Libras, juntamente com o apoio de estudiosos da área da educação de surdos que têm se dedicado a fazer estudos aprofundados sobre o tema e questões linguísticas e culturais que esta suscita, a fim de garantir a autonomia que lhe é devida por se constituir uma língua.

Diante do exposto, entendemos a necessidade dessa pesquisa, uma vez que se fundamenta nos estudos literários surdos que tem como centralidade o sujeito surdo e suas questões linguísticas, culturais e identitárias, colocando em evidência as experiências surdas, suas subjetividades, bem como suas implicações sociais.

2 LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA – IMPLICAÇÕES TEÓRICAS E CONCEITUAIS

A literatura surda produzida nos últimos anos por autores surdos, estudiosos da área e participantes da comunidade surda, nos desloca para uma discussão pertinente sobre o conceito de literatura. Num cenário estético, pautado em verdades arraigadas e padrões estabelecidos pela crítica elitista conservadora, a literatura surda, aparece como uma afronta ao cânone.

Ao se referir sobre o percurso histórico por que passou a literatura, presenciaremos o cânone como um aspecto relevante nessa trajetória. Os cânones são formados, principalmente, a partir de elementos exteriores ao literário, de maneira que expressem algum conceito que a ele se sobreponha (JARA & TALENS, 1987; *apud* ABDALA JUNIOR, PINTO, SILVA. 2013)⁴. Harold Bloom (1995), em contrapartida, defendeu que os cânones são formados a partir de critérios estéticos que se apoiam sobre considerações ditas universais. (ABDALA JUNIOR, PINTO, SILVA. 2013).

Essa ideia de uma literatura fundamentada numa base estilística-elitista, patriarcal, cercada de prescrições e exigências, no que se refere aos aspectos da literariedade do texto literário, linguagem, estrutura, escritor, e ao próprio apreciador, parece-nos restritiva e passível de parcialidade. Sendo assim, “a presença do critério estético é certa, no entanto a própria estética é historicizada e submetida aos mesmos princípios que governam aqueles que nela investem” (FERRY, 1994; *apud* ABDALA JUNIOR, PINTO e SILVA. 2013, p. 61)⁵.

É em decorrência desses questionamentos literários que o “conceito de valor estético” da obra literária passa a ser ponderado a partir de valores culturais em que se constitui a obra. Com isso, ao invés de se observar o esvaziamento do conceito nuclear de literariedade, percebe-se a instrumentalização da teoria e da crítica literárias para além dos espaços tradicionais (ABDALA JUNIOR, PINTO e SILVA. 2013)

Nessa desconstrução, podemos evidenciar o que chamamos de entre-lugar no campo literário, isto é, a alternância do que está no centro e do que está à margem.

⁴ JARA, René & TALENS, Jenaro. “Comparatismo y semiótica dela cultura” In: Eutopias: Teorias/Historia/Discurso, Minneapolis/Valencia, Hiperión, v. III, 1987: 2-3, 5-17

⁵ FERRY, Luc. Homo aestheticus: a invenção do gosto na erademocrática, São Paulo, Ensaio, 1994.

Silviano Santiago (2000) em seu livro *Uma Literatura nos Trópicos*, apresenta-nos o termo entre-lugar com o intuito de discorrer sobre a “valorização do deslocamento que as obras dos escritores da América Latina necessariamente representam em relação a uma (historicamente construída) centralidade cultural europeia” (SILVA, 2017, p. 42).

Se partirmos do pressuposto de que obras que não fazem parte desse “rol canônico”, ou seja, que não fazem parte de um conjunto de livros considerados como referência num determinado período, estilo ou cultura, não tem espaço no campo literário, estaríamos desprezando a diversidade cultural dos povos que não se encontram centralizados. Com isso também estaríamos limitando o discurso literário, que, como afirma Domício Proença Filho (1986), se encontra a serviço da criação artística.

Sobre tudo isso, vejamos, em suma, o que diz a estudiosa em teoria da literatura Cecil Jeanine Albert Zinani (2011):

Os estudos culturais, associados ao pós-modernismo, englobam uma série de disciplinas, entre elas as relacionadas à literatura. Associados aos movimentos de vanguarda, valorizaram expressões culturais normalmente marginalizadas, tais como a cultura popular ou a cultura urbana. Essa abertura proporcionou vários questionamentos relativamente à história da literatura e ao cânone como registro de obras consagradas e referendadas pela academia. Na medida em que foi atribuído valor a obras que não pertenciam ao cânone, suas normas foram questionadas, validando-se novas abordagens, o que destituiu a unicidade do cânone e da própria história da literatura, ambos, agora, caracterizando-se pela pluralidade. (ZINANI, 2011, p. 410).

O que podemos identificar até aqui é a não passividade das características e dos aspectos determinantes que constituem a literatura, isto porque, como já observamos, o seu próprio conceito perpassa por concepções teóricas que se contrapõem. Na verdade, segundo Roberto Acízelo de Souza (1986, p. 6) “a literatura não corresponderia a um conceito, isto é, algo abstrato, definido ou delimitado, antes, ilimitado seu alcance, por cobrir inumeráveis exemplos mais ou menos semelhantes entre si”.

Não obstante essa afirmação, alguns autores persistem em delinear definições sobre literatura, e é certo que as proposições colocadas estão longe de serem unívocas. De acordo com Marisa Lajolo (1989):

O que é literatura? É uma pergunta que tem várias respostas. E não se trata de respostas que, paulatinamente, vão-se aproximando cada vez mais de uma grande verdade, da verdade – verdadeira. Não é nada disso. Não existe uma resposta correta, porque cada tempo, cada grupo social tem sua responsabilidade, sua definição para literatura. (LAJOLO. 1989, p. 24-25).

Isso não significa dizer que a partir de agora desprezaremos as dimensões ideológicas referentes à teoria literária, até porque, como afirma Acízelo (1996) através dela, a literatura deixa de ser apenas uma fantasia encantadora e comovente, para se apresentar como produção cultural tão plantada na realidade, na vida. É justamente por ser matéria cultural desenvolvida através de diferentes povos, que o termo literatura – e como ela se dá – faz reverberar esse grande mar de significações.

Como vimos e vemos, ela ininterruptamente esteve ligada aos aspectos culturais de uma sociedade. Isso nos assegura dizer que o texto literário sempre estará associado à representação da realidade, seja um espelho ou um avesso dela, a marca do mundo social estará lá registrada.

Contudo, para além de um reflexo da sociedade, a literatura tem o papel informativo, demonstra uma capacidade de abordar sobre os mais diversos assuntos, e estimular a criticidade do receptor aos aspectos da vida cotidiana. Podemos então, metaforicamente, dizer que ela se constitui uma chave disponível a abrir mentes, a do escritor e a do leitor. De acordo com FACINI (2004, p.25):

A literatura não é espelho do mundo social, mas parte constitutiva desse mundo. Ela expressa visões de mundo que são coletivas de determinados grupos sociais. Essas visões de mundo são informadas pela experiência histórica concreta desses grupos sociais que as formulam, mas são também elas mesmas construtoras dessas experiências. Elas compõem a prática social material desses indivíduos e dos grupos sociais aos quais eles pertencem ou com o quais se relacionam. (FACINI, 2004, p.25)

É nesse contexto que a literatura surda precisa ser considerada, voltando-se inteiramente para as experiências históricas e sociais que o autor visualiza ou vive dentro das realidades surdas. Ela parte de um processo de materialização das identidades surdas por ser a representatividade a maior de suas marcas. Através dela, pode-se trazer à memória traços culturais e identitários de uma comunidade que teve suas histórias ocultadas. Portanto, a literatura serve de projeção que um povo faz de si mesmo, não apenas reproduzindo a realidade, mas representando-a (NEVES, 2015).

Já citamos aqui o aspecto da literariedade, isto é, o modo especial de elaboração da linguagem inerente às composições literárias (ACÍZELO,1998), e isso nos lembra um fato peculiar da literatura surda, a língua de que se fala, a Libras. Essa constatação nos leva a refletir sobre a perspectiva cultural que marca essa literatura, logo identificada pelo enfoque linguístico.

Uma vez que estamos falando de expressões culturais que se registra na criação literária, indissociavelmente, cabe ressaltar a importância da língua nessa composição. Proença Filho (1986) destaca que a Literatura se vale da língua e revela dimensões culturais. Cultura, língua e literatura estão, portanto, estreitamente vinculadas (PROENÇA FILHO, 1986).

Essa diferença linguística da literatura convencional para a literatura surda traz à tona a questão da invisibilidade da LIBRAS, em detrimento da Língua Portuguesa, logo, valores culturais sendo sobrepostos a outros. Por isso, Ferreira Brito⁶ (1993) afirma que “O problema das minorias linguísticas é, pois, muitas vezes, não apenas a privação de sua língua materna, mas, sobretudo a privação de sua identidade cultural” (1993; *apud* NEVES, 2015, p.26).

Nesse cenário de ruptura de valores literários a Literatura Surda aparece como uma manifestação artística que demarca resistência em seus ditos. Alfredo Bosi (2002) vem contribuir dizendo que o sentido ético da resistência se dá pelo fato de o autor manifestar no texto “a força catalisadora da vida em sociedade: seus valores” e que, por outro lado, o autor também pode apresentar os antivalores de seu meio, como forma de resistência, pois “os valores mais autênticos e mais sofridos afloram no texto e a literatura que tem como horizonte a fantasia abre espaço para a exposição da verdade mais exigente” (BOSI, 2002; *apud* PISSINATTI, 2016 p. 44⁷).

A Literatura Surda, portanto, se vale dessas potencialidades para transmitir valores linguísticos-culturais característicos dos povos surdos. E assim, faz reverberar o papel formador/transformador de que fala Antonio Candido (1972), quando propõe que “a literatura é algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem [...] ela não corrompe nem edifica, mas, traz livremente em si o que chamamos

⁶ FERREIRA BRITO, L. Integração Social & Educação de Surdos. Rio de Janeiro: Babel Editora, 1993.

⁷ BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. In: _____. Literatura e resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 118-135.

de bem e mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 2002, p. 80, 85).

Nos capítulos seguintes abordaremos a Literatura Surda aprofundando suas características e especificando as modalidades de tradução, adaptação e criação literária surda.

2.1 LITERATURA SURDA

[...] a Literatura Surda surge como uma árvore balançada pelo vento e a folha, ao cair e ser levada pelo vento para outros lugares, finalmente pisa na terra, se transforma, é adubada e brota na terra... é feliz para sempre.

(Cláudio Henrique Nunes Mourão, 2011).

Como já nos reportamos, a Literatura Surda evidencia as experiências vivenciadas pelos povos surdos, trazendo como aspecto fundamental a questão das identidades surdas.

Começamos a falar de Literatura Surda a partir de uma relação cultural, uma vez que, como já dissemos aqui, são concepções que estão estreitamente interligadas. Por trazer, nas suas entrelinhas, representações do povo surdo, essa Literatura se constitui uma herança cultural materializada a partir de experiências vivenciadas pela comunidade surda.

Apesar de parecer uma abordagem recente, a Literatura Surda tem sua história e registro. Segundo Porto e Peixoto (2011), com a formação das comunidades surdas, em meados do século XVIII, o aspecto literário foi se desenvolvendo através das línguas de sinais. Não obstante, com a chegada do oralismo em 1880, a partir do qual se oficializou no Congresso Internacional de Surdo-Mudez, em Milão – Itália, a aprovação do método oral, obrigando as escolas de surdos a adotarem a oralidade, grande parte dessas narrativas, que, infelizmente, não haviam sido registradas, foi desaparecendo, justamente pelo enfraquecimento das comunidades surdas, em virtude da proibição das línguas de sinais.

O Congresso legitimava a concepção aristotélica dominante, isto é, a ideia de superioridade do mundo das ideias, da abstração e da razão - representado pela palavra - em oposição ao mundo do concreto e do material - representado pelos gestos -; por último os educadores religiosos justificavam a escolha oralista, pois se relacionava com a possibilidade confessional dos alunos surdos. (SKLIAR, 2000, p.109).

Dessa forma, o reconhecimento das culturas surdas ficou ainda mais distante. E se nem a língua, nem a cultura eram bem vindas nesse contexto, a Literatura Surda, então, inviabilizou-se. No entanto, acreditamos que entre os surdos circulavam histórias sinalizadas, piadas, poemas, histórias de vida, mas em espaços que ficavam longe do controle daqueles que desprestigiavam a Língua de Sinais (Karnopp, 2008, p.3). De acordo com Strobel (2009), em a “História da educação de surdos”:

[...] por muitas gerações os povos surdos fazem narrativas não escritas de suas vidas, contam as tradições culturais que integraram em suas comunidades surdas através de língua de sinais, nos séculos passados não tinha como registrar estas narrativas por não haver tecnologia avançada que hoje temos: as filmagens, fotos, webcam, etc. (STROBEL 2009, p. 44)

Ainda hoje nos deparamos com discursos que trazem a ideia de uma cultura única, homogênea, não havendo, dessa forma, espaço para as identidades culturais surdas. Para Skliar (2001):

Talvez seja fácil definir e localizar, no tempo e no espaço, um grupo de pessoas; mas quando se trata de refletir sobre o fato de que nessa comunidade surgem – ou podem surgir – processos culturais específicos, é comum a rejeição à ideia da “cultura surda”, trazendo como argumento a concepção da cultura universal, a cultura monolítica. Não me parece possível compreender ou aceitar o conceito de cultura surda senão através de uma leitura multicultural, ou seja, a partir de um olhar de cada cultura em sua própria lógica, em sua própria historicidade, em seus próprios processos e produções. (SKLIAR 2001, p. 28)

Nesse sentido, percebemos que produções literárias surdas não são tão recentes assim. A grande questão é que hoje, por terem alcançado o direito do uso das línguas de sinais, as criações foram aumentando e o meio de propagação se tornou mais amplo. Com a constante evolução tecnológica e o seu acesso mais democrático, a Literatura Surda, gradativamente, passa a ter espaço e obtém registro dessas narrativas surdas através do recurso visual midiático.

Mas o que seria, afinal, Literatura Surda? O que ela representa, que tipo, ou quais tipos de temáticas são abordadas nas obras? Somente surdos podem escrevê-

la? O que ela representa? Há publicações dessas narrativas? De que forma e em que espaço? São indagações que nos interessa discutir aqui.

Primeiramente, entenderemos a Literatura Surda sob a ótica daquilo que os Estudos Culturais pontuam de “artefato cultural”, cujo conceito constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo, indo muito além de ser apenas materialismos culturais (STROBEL, 2008). A pesquisadora surda, Karin Strobel, dedicou em sua obra “As imagens do outro sobre a cultura surda” um capítulo em que discorre acerca de alguns dos principais artefatos que melhor elucidam a cultura surda, dentre eles destacamos dois – o artefato cultural da experiência visual e o da Literatura Surda. Strobel (2008, p. 24) define cultura surda como “o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas”.

Chamamos atenção para o artefato da experiência visual, porque é através dessas experiências que o sujeito surdo desenvolve sua leitura de mundo, e a partir dessas percepções atua e produz nele. Os olhos dos povos surdos são para eles o que os ouvidos são para pessoas ouvintes, desse modo, percebem o mundo através do que veem, suas subjetividades e suas questões identitárias serão percebidas e desenvolvidas a partir do visual. Segundo Perlin e Miranda (2003):

Experiência visual significa a utilização da visão, (em substituição total a audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. (PERLIN e MIRANDA, 2003, p. 218).

Sendo assim, temos a compreensão de que a Literatura Surda se encaixa numa perspectiva de produção que se apropria do visual para consolidar suas vivências e o conhecimento que capta do mundo, sendo uma obra de autoria surda ou não, nela identidades surdas estarão sempre representadas.

Strobel (2008, p. 56) chama de Literatura Surda “experiências pessoais do povo surdo que muitas vezes, expõem as dificuldades e ou as vitórias das opressões ouvintes [...], testemunhando as ações de grandes líderes e militantes surdos e sobre a valorização de suas identidades surdas”. Uma outra definição mais abrangente é a da estudiosa surda Lodenir Karnopp (2008, p.14), quando diz que Literatura Surda “são histórias que têm a Língua de Sinais, a questão da identidade e da cultura surda

presentes na narrativa”. Geralmente, são relatadas pelos contos, lendas, fábulas, piadas, poemas sinalizados, anedotas, jogos de linguagem, dentre outros.

Literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente (KARNOPP, 2010, p.161).

Assim, temos a língua e a cultura aliançadas na constituição da Literatura Surda, e são esses dois aspectos – culturais e linguísticos dos povos surdos – que firmam a originalidade dessas produções. Segundo Ngugi (1986), “a língua carrega a cultura e a cultura carrega, através da ‘oratura’ e da literatura, o conjunto de valores pelos quais nós nos percebemos e percebemos nosso lugar no mundo.” (NGUGI, 1986; *apud* BONNICI, 2012, p. 38).⁸

A língua, nesse sentido, também aparece como um forte marcador cultural de resistência, devido o lugar em que se encontra, em relação às línguas orais, pois, como salienta Neves (2015), a Literatura Surda parte de um “grupo minoritário, surdos, com o desafio de se fazer respeitar pela diferença, pelo uso de uma língua gestual, de uma literatura visual” (NEVES, 2015, p. 43).

Strobel (2008), ainda enfatiza que “a Língua de Sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo” (STROBEL, 2008, p. 44). Desse modo, o uso das línguas de sinais na obra literária surda já traz consigo um importante marcador cultural de empoderamento linguístico, e isso só agrega positivamente aos fatores estéticos e valor social dessa Literatura.

Dando seguimento ao processo metodológico de produção literária surda, abordaremos as três modos pelos quais ela se apresenta – tradução, adaptação e criação. O primeiro encerra os textos literários escritos, traduzidos da língua portuguesa para a Língua de Sinais; o segundo, pertence às adaptações dos textos clássicos à realidade dos surdos; e o terceiro, engloba as produções textuais dos surdos. (PORTO e PEIXOTO, 2011, p. 168).

Na tradução, as narrativas criadas nas línguas orais são vertidas para Língua de Sinais, com o objetivo de que esse processo possa contribuir para o conhecimento e divulgação do acervo literário de diferentes tempos e espaços (MOURÃO 2011).

⁸ NGUGI, Wa Thiong’o. *Decolonising the Mind: The Politics of Language in African Literature*. London: Currey, 1986.

Nesse método, geralmente, utilizam-se dois processos de tradução definidos por Jakobson (1975) – a) Interlingual: consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua; e b) Intersemiótica: consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais. Na Literatura Surda a tradução interlingual aparece quando se realiza a tradução de um texto escrito/oral para Língua de Sinais e vice-versa, já a intersemiótica aplica-se à Literatura Surda quando envolve a tradução de narrativas escritas em Língua Portuguesa em vídeos, filmagens envolvendo imagens e signos linguísticos.

Vejamos no quadro abaixo, um levantamento de algumas obras dessa qualidade:

Quadro 1 – OBRAS TRADUZIDAS PARA LIBRAS NO BRASIL (2000 - 2013)

Ano	Tradutor	Obra	Editora
2000	INES	Educação de Surdos 3 - Histórias Infantis em Língua de Sinais - O verbo em Português e em LIBRAS: Chapeuzinho Vermelho; A raposa e as uvas; A lenda do Guaraná; Introdução às Operações Matemáticas: Branca de Neve e os sete anões; O Curumim que virou Gigante; A Lebre e a Tartaruga.	INES/MEC
2002	Heloísa Grip Diniz e Roberto Gomes Lima	Iracema (José de Alencar)	Arara Azul
2003	INES	Educação de Surdos 4 Contando Histórias em LIBRAS: Clássicos da Literatura Mundial: Patinho Feio; Cinderela; Os três Porquinhos; Os Três Ursos; João e Maria; A Bela Adormecida.	INES/MEC
2004	INES	Educação de Surdos 7 Contando Histórias em LIBRAS: Lendas Brasileiras: O curupira; A lenda da lara; A lenda da manioca. Clássicos da Literatura Mundial: O leão e o Ratinho; O corvo e a raposa; A cigarra e as Formigas; O Pastor e as Ovelhas.	INES/MEC
2004	Ana Regina Campello e Nelson Pimenta	A história de Aladim e a lâmpada maravilhosa (Rosalind Kervin)	Arara Azul

2004	Marlene Pereira do Prado e Juan Nascimento Guimarães	O velho da horta (Machado de Assis)	Arara Azul
2004	Alexandre Melendez e Roberta Almeida	O alienista (Machado de Assis)	Arara Azul
2005	Heloíse Gripp Diniz e Roberto Gomes de Lima	O caso da vara (Machado de Assis) A missa do galo (Machado de Assis) O relógio de ouro (Machado de Assis) A cartomante (Machado de Assis)	Arara Azul
2005	INES	Educação de Surdos 9: Contando histórias em Libras: Clássicos da literatura mundial: O gato de botas; A roupa nova do rei; Rapunzel; Os trinta e cinco camelos; Aprender a escrever na areia; O cântaro milagroso	INES/MEC
2005	INES	Educação de Surdos 10: Contando Histórias em LIBRAS: Dona cabra e os sete cabritinhos; As fadas; A galinha ruiva; A galinha dos ovos de ouro; O cão e o lobo	INES/MEC
2006	Nelson Pimenta e Luiz Carlos Freitas.	As aventuras de Pinóquio (Carlos Lorenzine)	LSB-Vídeo
2007	Clélia Regina Ramos	A ilha do tesouro Alice para crianças	Arara Azul
2009	Nelson Pimenta	Seis fábulas de Esopo em LIBRAS: A raposa e as uvas; As gêmeas e o galo; O cão e o pelicano; Os pelicanos amigos; O cão e seu osso; O sol e o vento.	LSB-Vídeo
2009	Clélia Regina Ramos	Peter Pan (J. M. Barrie)	Arara Azul
2011	Clélia Regina Ramos	Uma aventura do Saci-Pererê	Arara Azul
2011	Gildete da Silva Amorin	Fábulas de La Fontaine: A Cigarra e a Formiga; A galinha dos ovos de ouro; A coruja e a águia	Arara Azul
2011	Rodrigo Geraldo Mendes e Gildete da Silva Amorin	O gato de botas (Charles Perrault)	Arara Azul
2013	Clélia Regina Ramos	Historietas em Libras/Português: Fábulas: A cigarra e a formiga; A	Arara Azul

		galinha dos ovos de ouro; A coruja e a águia; O gato de botas; Uma aventura do Saci-Pererê; João e Maria; O Soldadinho de Chumbo	
--	--	---	--

Fonte: PISSINATTI (2016)

Já as adaptações são releituras de obras já existentes em línguas orais, acrescentando-lhes personagens, episódios ou descrições que remetam a questões da cultura surda, preservando, porém, de forma ostensiva, o enredo original. (RIBEIRO e PEREIRA, 2015).

Nesse método, o que acontece são adaptações dos aspectos culturais representados na obra, abrindo-se espaço para questões relacionados à cultura surda. É o caso do conto de fadas “Cinderela”, que foi adaptada para a Literatura Surda e traduzida para a Língua Brasileira de Sinais em sua modalidade escrita, intitulado-se “Cinderela Surda” (Hessel, Karnopp e Rosa, 2010). Nessa narrativa a personagem principal é surda e o sapato perdido no clímax da história original foi substituído/adaptado por uma luva, remetendo à questão da Língua de Sinais utilizada pela comunidade surda. Houve outras adaptações também na obra “Cinderela Surda”: a madrasta é ouvinte – representando como os ouvintes oprimem os surdos. O príncipe e a fada madrinha – personagens que acolhem a Cinderela Surda – também são surdos, representando como os surdos sinalizantes tendem a acolher seus semelhantes e se organizar em uma comunidade surda.

Abaixo temos algumas das principais obras referentes a essa modalidade:

Quadro 2 – TRADUÇÕES ADAPTADAS PARA A CULTURA SURDA (2003 - 2014)

Ano	Tradutor/Adaptador	Obra	Editores
2003	Lodenir Karnopp Carolina Hessel e Fabiano Rosa	Cinderela Surda Rapunzel Surda	ULBRA
2005	Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp	Adão e Eva Patinho Surdo	ULBRA
2014	Cláudio Henrique Nunes Mourão	A Fábula da Arca de Noé	Girassol

Fonte: PISSINATTI (2016)

No processo de criação, a narrativa é original, geralmente, criada diretamente em Língua de Sinais. Ela se desenvolve de forma independente da escrita e cultura oral. Segundo Mourão (2011, p.54):

São textos que surgem e são produzidos a partir de um movimento de histórias, ideias que circulam. Por exemplo, se os surdos tivessem uma experiência mais intensa com as histórias, com textos literários (em sinais ou através de leituras), essa aprendizagem nas escolas ou em seus lares, com os professores ou pais contando histórias, eles teriam mais possibilidade de imaginação, reflexão, emoção, e se tornariam como uma fábrica de histórias de subjetividades literárias, logo produzindo ideias e criatividade – isso seria criação. (MOURÃO, 2011, p.54)

Obras classificadas como criação na Literatura Surda:

Quadro 3 – CRIAÇÕES DE NARRATIVAS E POESIAS POR AUTORES SURDOS (1999 - 2012)

Ano	Autor	Obra	Editora
1999	Nelson Pimenta	Bandeira do Brasil Natureza Língua Sinalizada e Língua Falada O Pintor de A a Z	LSB-Vídeo
2001	Cláudia Bisol.	Tibi e Joca: uma história de dois mundos	Mercado Aberto
2005	Nelson Pimenta	A árvore de Natal em LSB (Poesia)	LSB-Vídeo
2008	Maria A. Amin de Oliveria, Maria Lucia Mansur Bonfim de Oliveira e Ozana Vera Giorgini de Carvalho	Um mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras	LSB-Vídeo
2009	Liège Gemelli Kuchenbecker	Feijãozinho Surdo	ULBRA
2010	Cléber Couto	Casal Feliz.	(Produção Independente)
2012	Alessandra F. Klein e Cláudio Henrique Mourão	As luvas mágicas de Papai Noel	Girassol

Fonte: PISSINATTI (2016)

O registro das três modalidades aqui explicitadas é encontrado em fitas VHS, CD, DVD ou em textos/livros traduzidos para o português. Também é encontrado em sites na internet, a exemplo o *Youtube*. Tudo isso se constitui um acervo literário que evidencia as questões identitárias surdas. De acordo com Karnopp (2008, p. 2) “o registro da Literatura Surda começou a ser possível principalmente a partir do reconhecimento da Libras e do desenvolvimento tecnológico, que possibilitaram formas visuais de registro dos sinais”.

Nesse sentido, a proposta dessa pesquisa teve como corpus de análise a Literatura Surda dentro da modalidade de criação, visto que nesse tipo de produção as expressões e questões identitárias, culturais e linguísticas estarão genuinamente apresentadas. Em “Um mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras” pretendemos explorar as marcas sociais vivenciadas pelo sujeito surdo, bem como trazer essa obra na perspectiva da representatividade.

3 PERCURSO METODOLÓGICO – PONTO DE PARTIDA

A trajetória dessa pesquisa é marcada por desafios e resistências. Desafios porque se trata de uma temática que durante todo o meu curso de graduação em Letras Língua Portuguesa e Literaturas não foi discutida em sala de aula por nenhum professor/mediador. Diante de tantas tipificações literárias, a Literatura Surda só aparecia nos momentos em que essa pesquisa era apresentada. Daí o desafio de caminhar no escuro. Resistência porque em meio a essa aparente sombra, aqui estamos. Resistência porque durante esse percurso tentaram estigmatizar essa literatura a partir de questionamentos tais como: pode-se mesmo chamar “isso” de literatura? Onde circula “isso”? Os próprios surdos têm conhecimento “disso”? Resistência porque trilhar e adentrar no campo dos estudos surdos é resistir.

Não obstante as adversidades vivenciadas nesse percurso, não posso negar o apoio de alguns/mas professores/as da academia e de profissionais atuantes da comunidade surda que pontuavam a ousadia da pesquisa no curso em questão e a importância de suas abordagens na perspectiva dos estudos literários. O despertar para esse estudo, inclusive, se deu a partir das discussões realizadas em dois componentes curricular intitulados “Tradição e ruptura em literaturas de língua portuguesa” e “Cânones e contextos na literatura brasileira”, ofertados no 2º e 3º semestre do curso de Letras Vernáculas, respectivamente. Ambas as disciplinas romperam com o conceito de Literatura que em mim havia sido construído durante a formação escolar e ampliaram o meu olhar para as diversas formas de Literatura. Nesses componentes, fui atraída pela literatura marginal e pelas literaturas marginalizadas.

Outro aspecto fundamental na escolha da temática foi a minha formação em Tradução e Interpretação em Libras. Em 2014, comecei a atuar em um ministério com surdos em uma igreja, e ali, refletindo a partir das experiências empíricas, fui aprendendo a me comunicar em Libras com as pessoas surdas. Entendendo a complexidade dessa Língua, iniciei um curso de Formação de Tradutores e Intérpretes de LIBRAS, entre os anos de 2015 a 2017, caracterizado como uma extensão universitária promovida pela Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF *Campus* Senhor do Bonfim. Dessa forma, concomitantemente com a graduação, fiz esse curso, cuja carga horária totalizou 480h. Foi a partir das

discussões sobre a cultura surda e a partir de atividades propostas pelo corpo docente do curso de extensão que exploravam poesias surdas que passei a considerar a possibilidade de pesquisar a Literatura Surda, termo que, até então, ainda desconhecia.

Assim, inquietada pela possível temática, dediquei-me a estudá-la e percebi que, apesar de incipiente nas discussões acadêmicas, já existiam dissertações, artigos e teses de doutorado na área, o que de certo modo me tranquilizou por saber que não estava sozinha na caminhada.

3.1 ACHEGANDO-ME AO OBJETO E AO *CORPUS* DA PESQUISA – DELINEAMENTO METODOLÓGICO

As pesquisas sobre o objeto e *corpus* de pesquisa deram-se gradativamente. O primeiro passo foi compreender, de fato, o que eu iria investigar na Literatura Surda. Então, passei a procurar obras nas redes sociais, no site do *Youtube*, no site do INES⁹, na Editora Arara Azul¹⁰, entre outros. Também consegui o empréstimo de algumas obras físicas com um professor de Libras da Univasf *campus* Senhor do Bonfim.

O que me chamou a atenção nas leituras e observações que fiz dessas composições literárias foi perceber como eram latentes as questões culturais e identitárias e o potencial linguístico no que se refere à Libras. Mas isso foram apenas impressões. Desta feita, surge a possibilidade de sair desse vislumbamento pessoal e investigar a Literatura Surda como objeto de pesquisa.

Chegar ao *corpus* da pesquisa não foi tarefa fácil também. O primeiro critério pensado na escolha da obra foi quanto ao gênero. Optei por texto em prosa, ao invés de poesia, tendo em vista o nível de subjetividade da linguagem poética, querendo ser mais objetiva nas implicações temáticas que se encontram com mais clareza no texto narrativo. Outra motivação para a opção pela prosa se deu ao fato também de esta possuir registro em língua portuguesa (LP), possibilitando a aderência ao curso de Letras – Língua Portuguesa em Literaturas, considerando que a maior produção em poesia da Literatura Surda é em Língua de Sinais e não em LP. Além disso, considero ter melhor afinidade com textos em prosa, e assim sendo, optei por concentrar a

⁹ Para maior aprofundamento visitar: <http://www.ines.gov.br/>.

¹⁰ Para cf. ver <http://editora-arara-azul.com.br/site/>

análise em narrativas com público-alvo específico, juvenil, de modo que esta tem uma linguagem mais elucidada.

Após realizar um levantamento de narrativas surdas brasileiras contemporâneas, através das teses e dissertações visitadas e selecionadas no banco de dados da CAPES determinando “Literatura Surda” como palavra-chave, escolhemos – meus orientadores e eu – a obra “Um mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras”. Primeiro, por ser uma ficção-narrativa; segundo, por ser um conto na categoria infanto-juvenil e por acreditarmos no seu potencial lúdico; terceiro por ser uma composição literária realizada por participantes da comunidade surda, incluindo surdos e ouvintes, contendo profissional da área da saúde, da educação e do campo das artes.

Adquirir a obra em questão também foi uma experiência que merece registro. Isso porque, apesar de ela ser citada em estudos que têm a Literatura Surda como objeto de pesquisa, a obra completa não é de fácil acesso. Tentei comprá-la em sites de editoras diversas, mas todas notificavam que o produto estava indisponível. Entrei em contato com a LSB vídeo, instituição que produziu o livro-digital, e como resposta informaram que a obra deixou de ser comercializada. Sugeriram que eu entrasse em contato com as autoras e me disponibilizaram seus contatos de e-mail.

Esse entrave foi um dos momentos mais angustiante da minha trajetória de pesquisa, pois passei a questionar o porquê da obra ter deixado de circular. O que há de errado com ela? Devo, desse modo, mudar o *corpus*? Depois de muito me interrogar, decidi pela continuidade do corpus, por considerar as questões éticas de uma pesquisa, entendendo que o seu valor não está em sua linearidade nem em sua abrangência comercial, mas na sua continuidade apesar dos desafios encontrados, entendendo que a busca por estratégias outras pode contribuir para a originalidade da pesquisa. Em um segundo contato com a empresa LBS vídeo, perguntei se havia alguma razão específica pela qual deixaram de comercializar a obra, ao que me responderam que, por motivos internos da empresa, a comercialização passou a cargo das autoras. Assim, entrei em contato com uma das autoras, Maria A. Amim de Oliveira, e obtive resposta imediata. De bom grado, esta me informou que enviaria o livro gratuitamente e se mostrou à disposição para colaborar com a pesquisa. Depois de alguns dias recebi a obra completa – livro-digital e físico.

A partir daí iniciei minhas investigações no âmbito da Literatura Surda, aludindo concepções teóricas dos Estudos Surdos e dos Estudos Culturais à obra em questão. Assim, trazemos as seguintes categorias que são discutidas em análise

respectivamente seguidas de seus autores principais: a) Literatura – Antônio Cândido (2002) e Marisa Lajolo (1989); b) Literatura Surda – Lodenir Karnopp (2008), Karin Strobel (2008) e Mourão (2011) c) Identidade e cultura – Stuart Hall (2006) e Karin Strobel (2008).

Tendo em vista as motivações que me proporcionaram chegar a esse objeto de pesquisa, bem como ao *corpus* de análise, essa pesquisa é de caráter qualitativo de inspiração pós-crítica por ter como princípio a compreensão de questões sociais, culturais e identitárias dentro da Literatura Surda. De acordo com Minayo (2001, p. 21-22), “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações”.

Entre os dispositivos de pesquisa utilizados neste estudo está a análise documental e a revisão sistemática buscando-se a fundamentação teórica da pesquisa, da qual trataremos nesta seção. Tendo como objetivo de pesquisa entender como a Literatura Surda entremeia as questões identitárias e culturais, partimos para uma pesquisa panorâmica de estudos relacionados a essa proposta, para isso utilizamos as palavras-chave Literatura Surda correlacionadas à cultura e identidade.

Esse levantamento foi realizado no Catálogo de Teses da Capes¹¹, no Portal de Periódicos da Capes¹² e no Caderno Acadêmico da Editora Arara-Azul¹³. A escolha dos bancos de dados relacionados à Capes se deu por serem sistemas que reúnem teses, dissertações, periódicos, produções científicas, em especial nacionais. Já a opção pelos cadernos acadêmicos da Editora Arara Azul ocorreu devido ao seu objetivo de ser uma instituição que desenvolve ações destinadas à valorização das línguas gestuais, orais e/ou escritas, à promoção das culturas surda e ouvinte e à aceitação das diversidades humanas. Os descritores utilizados partiram do objetivo geral da pesquisa que por sua vez tinham como foco as questões da língua, da cultura e da identidade, são eles: Literatura Surda, Literatura Surda e língua, Literatura Surda e cultura, Literatura Surda e identidade. Quanto aos filtros, não houve necessidade de

¹¹ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Para maiores informações consultar site: <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>

¹² Biblioteca virtual que reúne e disponibiliza a instituições de ensino e pesquisa no Brasil o melhor da produção científica internacional, para cultura a página acesse o site: <http://www.periodicos.capes.gov.br/>

¹³ Para melhor aprofundamento sobre a instituição, visite o site: http://editora-arara-azul.com.br/site/caderno_academico

serem utilizados, uma vez que a quantidade de produções acadêmicas quando as palavras-chave foram correlacionadas foram restritos. Os resultados obtidos foram os seguintes:

Quadro 4: Descritores e resultados das pesquisas relacionadas a Literatura Surda

Descritores	Catálogo de dissertações e teses da Capes	Periódico da Capes	Arara azul – Cadernos acadêmicos
Literatura Surda	Dissertação – 25	Artigo – 9	Monografia/Graduação – 0
		Dissertação - 5	Monografia/Especialização - 0
	Tese – 8	Tese – 2	Dissertação – 4
			Tese – 1
Literatura Surda e Cultura	Dissertação – 6	Artigo – 5	Monografia/Graduação – 0
		Dissertação – 3	Monografia/Especialização - 0
	Tese – 1	Tese – 1	Dissertação – 3
			Tese – 0
Literatura Surda e Identidade	Dissertação – 2	Artigos – 0	Monografia/Graduação – 0
	Tese – 1	Dissertação – 1	Monografia/Especialização - 1
		Tese – 0	Dissertação – 0
			Tese – 0
Literatura Surda e língua	Dissertação – 10	Artigos – 3	Monografia/Graduação – 0
	Tese – 1	Dissertação – 3	Monografia/Especialização - 0
		Tese – 1	Dissertação – 2
			Teses – 1

Legenda:
 Artigos Monografia/Graduação Monografia/Especialização
 Dissertação Tese

Fonte: Elaboração da pesquisadora 2018, a partir dos dados obtidos no Portal de Periódicos da CAPES, Banco de Teses e Dissertações da CAPES e Caderno acadêmico da Editora Arara Azul.

Esses dados colaboram para o fortalecimento dessa pesquisa, pois apontam a necessidade de colocar em evidência o debate sobre a literatura surda e suas questões identitárias, tendo em vista os poucos resultados obtidos nos principais sites de publicação acadêmica, especialmente, em produções monográficas.

Apesar desse levantamento apresentado, devemos considerar que nem todos os trabalhos contabilizados acima estabelecem diálogo direto com esta pesquisa. Constatamos, por exemplo, que boa parte desses estudos relacionam a Literatura Surda na perspectiva da tradução, outras com questões linguísticas específicas da Língua de Sinais, outras voltam-se para as possibilidades e estratégias do uso da Literatura Surda no contexto escolar. Por isso, entendemos a necessidade de pontuar aquelas pesquisas que, de fato, estabelecem uma relação estreita com as questões emergentes nessa pesquisa. São elas:

Quadro 5 – Resultados estreitamente ligados as categorias dessa pesquisa cultura, identidade e língua

DESCRITORES	BANCO DE TESES DA CAPES	PERIÓDICO DA CAPES	ARARA AZUL – CADERNOS ACADÊMICOS
LITERATURA SURDA E CULTURA	Dissertação – 1. Literatura surda: produções culturais de surdos em língua de sinais. MOURÃO, 2011. 2. Marcadores culturais na literatura surda: constituição de significados em produções editoriais surdas. MÜLLER, 2012. 3. Representações linguístico-culturais do povo surdo na literatura surda. PISSINATTI, 2016	Artigo – 1. Literatura surda. KARNOPP, 2006. 2. Multiculturalismo e linguagem: literatura surda, o caminho contrário ao esquecimento. SOARES, 2006	
	Tese – 1. Literatura surda: experiência das mãos literárias. MOURAO, 2016.		
LITERATURA SURDA E IDENTIDADE	Dissertação – 1. Intercorrências na cultura e na identidade	Artigo –	

	<p>surda com o uso da literatura infantil. BOLDO, 2015.</p> <p>2. Literatura surda: uma literatura descolonizadora? NEVES, 2015.</p>	<p>1. Literatura surda: representações em produções editoriais. MÜLLER e KARNOPP, 2017.</p>	
LITERATURA SURDA E LÍNGUA	<p>Dissertação –</p> <p>1. Literatura surda: além da língua de sinais. OLIVEIRA, 2016.</p>	<p>Artigo –</p> <p>1. Evidências linguístico-culturais de resistência na literatura infantil póscolonial: literatura surda. SAMPAIO e PISSINATTI, 2016.</p>	<p>Dissertação –</p> <p>1. Língua de sinais e literatura: uma proposta de trabalho de tradução cultural. RAMOS, 1995.</p>
	<p>Tese –</p> <p>1. O registro da beleza nas mãos: a tradição de produções poéticas em língua de sinais no Brasil. PEIXOTO, 2016.</p>		

Legenda:

 Artigos

 Dissertação

 Tese

Fonte: Elaboração da pesquisadora 2018, a partir dos dados obtidos no Portal de Periódicos da CAPES, Banco de Teses e Dissertações da CAPES e Caderno acadêmico da Editora Arara Azul.

Com esse novo quadro, observa-se que pesquisas vinculadas à proposta desse estudo, que discute as questões de identidade, cultura e língua emergentes na Literatura Surda, apresentam-se ainda com número incipiente. Inclusive, alguns trabalhos se repetem nos sites de pesquisas acadêmicas apontados, por isso perceberemos algumas linhas em branco. Tudo isso nos conduz a pensar na necessidade de fomento de pesquisas relacionadas às questões literárias surdas, pois entendemos que essas narrativas estão/são presentes nas comunidades surdas e, portanto, estudos como esse contribuem para o seu fortalecimento.

Dos estudos encontrados destacamos treze deles, os quais foram listados na tabela acima. Essa seleção foi realizada através de análise de título e seus respectivos resumos, tendo como base os descritores apontados.

Na dissertação “Literatura Surda: produções culturais de surdos em Língua de Sinais (MOURÃO, 2011)”, objetivo foi investigar a manifestação das produções

culturais dos surdos em histórias que são contadas em Libras, analisando a forma como os surdos vêm apresentando e construindo a Literatura Surda, através da língua de sinais. Dessa forma, esse estudo dialoga com esse trabalho, por considerar a Literatura Surda produção cultural surda e por colocar em evidência a questão da Língua de Sinais.

A pesquisa “Marcadores culturais na Literatura Surda: constituição de significados em produções editoriais surdas” (MÜLLER, 2012), se propõe a responder como as produções culturais surdas, que circulam em português escrito no mercado editorial brasileiro, possibilitam a construção de marcadores culturais? Como resultado, após a leitura de dez livros produzidos por surdos, concluiu-se que a narrativa da experiência de si e a identidade surda como uma diferença sobressaem-se como marcas culturais das produções editoriais surdas. A proposta de Muller (2012), converge com esta pesquisa por discutir acerca da marca cultural emergente na Literatura Surda, bem como as questões identitárias presentes nessas narrativas.

A proposta “Representações linguístico-culturais do povo surdo na Literatura Surda (PISSINATTI, 2016) analisou as representações linguístico-culturais do povo surdo presentes em narrativas culturalmente adaptadas da Literatura Surda, considerando-a como instrumento estratégico de resistência e descolonização dos valores ouvintistas¹⁴, reforçando os valores linguístico-culturais e o sentimento de pertencimento ao povo surdo. Esse aproxima-se com o nosso estudo por trazer à tona as questões de empoderamento linguístico-cultural presentes na Literatura Surda.

A tese de Mourão (2016) “Literatura Surda: experiência das mãos literárias” evidenciando em sua tese a temática sobre a experiência das “mãos literárias” de sujeitos surdos, geradores de valores culturais e vinculados à Literatura Surda. Nesse estudo Mourão apresenta elementos da cultura surda, abordando a Literatura Surda no aspecto da representatividade, e é nesse aspecto que seu estudo alude nessa pesquisa.

Karnopp (2006) em seu artigo “Literatura Surda” discute sobre a produção literária surda, vinculada às questões de cultura e identidade. Converte com esse trabalho por colocar a Língua de Sinais numa posição de centralidade nas produções surdas, que evidenciam o reconhecimento de suas identidades e, portanto, suas diferenças culturais e linguísticas.

¹⁴ Ouvintismo: Segundo Carlos Skliar é um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. (Skliar, 2001).

O artigo “Multiculturalismo e linguagem: Literatura Surda, o caminho contrário ao esquecimento de Soares (2006)”, evidencia a importância do respeito e conhecimento da literatura produzida por grupos ou comunidades como forma de expressão social e cultural. Assim, contribui com esse estudo por trazer uma discussão acerca da literatura como representação das experiências surdas.

Na dissertação “Intercorrências na cultura e na identidade surda com o uso da literatura infantil (BOLDO, 2015), traz um enfoque na questão do contato da criança surda com a Literatura Surda, destacando que a partir dessa relação a criança adquire conhecimento e contato com seus pares devido às intercorrências das transformações culturais e identitárias que ocorrem pela presença de signos culturais na história infantil. Se relaciona com essa pesquisa por destacar a literatura infanto-juvenil como entremeio das questões de cultura e identidade surda.

A pesquisa de Neves (2015) “Literatura Surda: uma literatura descolonizadora?” aborda a Literatura Surda como um elemento da cultura surda na busca e no fortalecimento da sua identidade, além de discutir a Literatura Surda na perspectiva de uma literatura descolonizadora. Nesse sentido, apresenta uma estreita relação com esse estudo por colocar em evidência as discussões acerca da dicotomia entre ouvintes x surdos, colonizador x colonizado, expondo como a Literatura Surda aborda essas questões.

A dissertação “Literatura Surda: além da Língua de Sinais (OLIVEIRA, 2016)” objetivou verificar como as crianças surdas se relacionam com as fábulas em Língua de Sinais. Selecionaram-se seis fábulas no formato de vídeo, sinalizadas em Libras, de maneira que estas foram apresentadas para alunos do quinto ano de uma escola bilíngue em São Paulo. Como resultado, concluíram que as crianças demonstraram boa compreensão das fábulas e que a experiência de contato com narrativas em Libras no contexto da educação bilíngue é essencial para seu desenvolvimento linguístico. Também se observou que valores éticos e aspectos culturais são assimilados pelas crianças surdas a partir da literatura, sendo um importante fator na constituição da subjetividade. A ligação desse estudo com a nossa pesquisa está na influência identitária trazida na Literatura Surda, considerando seus valores linguísticos e culturais.

Na dissertação “O registro da beleza nas mãos: a tradição de produções poéticas em Língua de Sinais no Brasil”, (PEIXOTO, 2016), o objetivo geral foi investigar os elementos presentes nas produções poéticas sinalizadas e a voz da tradição da

comunidade surda brasileira que determinam os textos que devem ser considerados como obras literárias pertencentes à Literatura Surda. A pesquisa fez um levantamento e análise de mídia digital, no qual foram catalogadas setenta obras poéticas de autores surdos disponíveis em sites da internet e em mídia digital produzida pela LSB vídeo. Concluiu-se nessa investigação que os elementos subjetivos da poesia sinalizada, identificados por uma voz de uma tradição recente, são determinantes para a consagração de uma obra, pois eles fazem parte do conjunto composto também de elementos cinematográficos e linguísticos. A relação desse estudo com esta pesquisa está na discussão sobre as características literárias da Literatura Surda, colocando a Língua de Sinais como centralidade dessas narrativas.

Por fim, o artigo “Evidências linguístico-culturais de resistência na literatura infantil pós-colonial: Literatura Surda” (SAMPAIO e PISSINATTI, 2016), identifica as representações linguístico-culturais de resistência na narrativa *Adão e Eva* dos autores Lodenir Karnopp e Fabiano Rosa, e na obra *Ynari: a menina de cinco tranças* do autor angolano Ondjaki. Foi feita uma abordagem comparativista trazendo as evidências de resistência nas obras a partir dos estudos pós-coloniais. Concluíram que ambas as obras possuem elementos textuais que evidenciam valores linguístico-culturais. Esse estudo é convergente com essa pesquisa, pois evidencia as questões de representatividade, colocando a Literatura Surda como artefato de resistência linguística e cultural.

Com esse levantamento foi possível constatar a necessidade de fomento à pesquisas relacionadas a Literatura Surda, por se caracterizar um campo literário vasto, com diversas possibilidades de estudo, que ainda mostra-se pouco explorado.

Por último, para a técnica de análise dos resultados obtidos, inspiramo-nos na análise de conteúdo sugerida por Laurence Bardin (2009), partindo do princípio da análise categorial, em que “funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos” (BARDIN, 2009, p. 153). Sendo assim, a categorização se deu por análise temática, nesse caso, buscando a articulação das características da Literatura Surda com as práticas discursivas presentes na língua, na cultura e na identidade.

4 ANÁLISE DA OBRA – UM MISTÉRIO A RESOLVER: O MUNDO DAS BOCAS MEXEDEIRAS – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As experiências surdas representadas na Literatura Surda nos permite reconhecer aspectos socioculturais, linguísticos e identitários representados na narrativa. As temáticas presentes são percebidas ao passo que estabelecemos inferências de conhecimentos concernentes a saberes históricos, culturais e das relações que se tem dentro da comunidade surda.

Um mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras é um conto caracterizado como Literatura Surda por entremear questões relativas às experiências dos povos surdos, trazendo esses sujeitos como protagonistas das histórias.

A obra foi escrita por Maria A. Amin de Oliveira, neurologista infantil, Maria Lúcia Mansur Bomfim de Oliveira, professora de Português e Literatura Brasileira e Ozana Vera Giorgini de Carvalho, pedagoga, todas integradas à comunidade surda. Foi traduzida pela pedagoga surda Luciane Rangel e pelo professor ouvinte Luiz Carlos Freitas, e gravada em DVD em LIBRAS pelo ator e cinegrafista surdo Nelson Pimenta, numa produção da LSB Vídeo.

A narrativa apresenta a história de Ana, uma garotinha surda nascida numa família de ouvintes. Sem contato com a cultura surda, ela passou os seus cinco anos de idade vivendo em crise existencial, perdida em um mundo de bocas mexedeiras que não traduziam sentido algum para ela. Suas tentativas de se relacionar com as pessoas à sua volta foram sempre frustradas. Seu esforço em compreender o seu entorno e se fazer compreensível era constante, mas passou a perceber que nela havia uma diferença, um mistério que ela almejava descobrir, era o mundo das mãos mexedeiras. Esse dia chegou e, finalmente, Ana descobre, em contato com um adulto surdo, que ela era surda. “Seu pai, sua mãe, seus coleguinhas da escola, a moça da padaria, o rapaz do açougue, todos aqueles que mexiam a boca sem parar eram ouvintes” (OLIVEIRA, CARVALHO e OLIVEIRA, 2008, p.18).

No livro “O olhar do outro sobre a cultura surda”, Strobel (2008) narra uma experiência que remete a esse acontecimento, porém de forma inversa – o fato de uma pessoa surda, criança, que sempre convivera com surdos e, de repente, se depara com pessoas que se comunicam mexendo com as bocas. Ao estranhar aquela situação – pois todos da sua comunidade se comunicavam com as mãos – ela procura

saber quem são e começa a achá-los deficientes. “Que pena, têm que mexer as bocas... coitados!” – pensava. É uma outra epistemologia, uma outra visão, uma visão de estranhamento que parte da pessoa surda. Podemos enxergar aqui, apesar de perspectivas contrárias, uma semelhança no sentimento de estranhamento em ambas as histórias, o que nos permite pensar na força que os seus pares, a família e a comunidade exercem sobre a concepção de mundo de uma criança em desenvolvimento. Por ser uma sociedade majoritariamente ouvinte, costuma-se pensar que o surdo, por fazer parte de uma minoria, sempre se auto identificará como o “estranho” daquela sociedade, todavia, compreendemos que, assim como esse, existam muitos casos em que para o surdo o diferente é o ouvinte.

Quando o mistério é finalmente resolvido, Ana mergulha profundamente na cultura surda, buscando o aprendizado da Libras. Ela já não estava mais perdida, isolada no mundo das bocas mexedeiras (OLIVEIRA, CARVALHO e OLIVEIRA, 2008). Entendendo seu jeito de ser, percebendo-se dentro da cultura surda, Ana encontrou subsídio para a construção de sua identidade.

4.1 “A LÍNGUA DE SINAIS ERA MINHA LUZ, MEU SOL, NÃO PARARIA MAIS DE ME EXPRESSAR” – A QUESTÃO DA LÍNGUA DE SINAIS NA LITERATURA SURDA

Já dissemos aqui no capítulo 2 que desenvolve a questão da Literatura Surda sobre o processo de repressão das línguas de sinais, sobre a sua proibição por mais de um século nas escolas, nas instituições, na sociedade como um todo, a partir de uma perspectiva oralista. A forma com que se marginalizou essas línguas e o preconceito instituído sobre a diferença linguística dos povos surdos deixou marcas profundas que ainda perduram. Será mesmo que as línguas de sinais são capazes de exprimir experiências, garantir uma comunicação responsiva e precisa entre os sujeitos? Terão mesmo, através de uma linguagem espaço-visual, a capacidade de produzir algo de qualidade tal qual as línguas orais? São questionamentos que colocam a Literatura Surda à margem, suscitando uma fragilidade estética.

Diversos mitos, ao longo do tempo, foram criados e persistem até hoje acerca da Língua de Sinais (LS). Um deles, por exemplo, é que ela seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos” (QUADROS; KARNOPP, 2004). Contudo, não se pode denominar os sinais da LS como gestos, uma vez que os sinais realizados nessa língua são a manifestação

visível de um sistema complexo organizado em distintos níveis: lexical, sintático, fonológico, semântico etc. Sobre isso, citamos Quadros e Karnopp (2004):

A produção gestual na língua de sinais também acontece como observado nas línguas faladas. A diferença é que no caso dos sinais, os gestos também são visuais-espaciais tornando as fronteiras mais difíceis de serem estabelecidas. Os sinais das línguas de sinais podem expressar quaisquer ideias abstratas. (QUADROS; KARNOPP, 2004 p. 12)

Lamentavelmente, esses estereótipos recaem sobre todas as línguas de sinais, assim como a Libras, por exemplo, que não costuma ser compreendida como uma língua de fato por parte da sociedade brasileira. É perceptível nas mídias, nas redes sociais, nos editais institucionais, a Libras sendo definida como “a linguagem dos sinais”, porém esse é um conceito que acaba por desconsiderar as complexidades linguísticas inerentes à Língua de Sinais, pois apesar de ela ser uma forma de linguagem, sua configuração gramatical e linguística lhes assegura como uma língua.

Foi Willian Stokoe (1920-2000), um dos primeiros estudiosos a apresentar uma análise no nível fonológico e morfológico da LS. (QUADROS; KARNOPP, 2004). Através dos seus estudos pôde-se constatar que, assim como as línguas orais, a LS também se organiza de maneira complexa. Contudo, a perspectiva ouvintista impediu o reconhecimento da Língua de Sinais e apenas tardiamente no Brasil – através da Lei 10.436/2002 – a Libras conseguiu ser reconhecida como língua dos povos surdos do país, como se descreve no Art. 1º, parágrafo único:

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002, Art. 1º)

É notório, dessa forma, a importância das línguas de sinais, na sua competência linguística, para atender às especificidades interacionais das comunidades surdas, bem como sua contribuição para a consolidação de produções surdas. No caso da obra em questão, apesar de ser considerada no campo da Literatura Surda uma produção original literária surda, ela não foi construída em primeira instância em Libras, mas em Língua Portuguesa e posteriormente traduzida para Libras. É importante ressaltar que o que a constitui como obra do cânone da Literatura Surda é o fato de conferir centralidade aos artefatos da comunidade surda, tais como as identidades surdas, as línguas de sinais e as experiências culturais surdas, além da

participação de pessoas dessa comunidade em sua produção e tradução e de colocar em destaque questões muito particulares das vivências das pessoas surdas, tais como as questões familiares, educacionais e da aquisição da linguagem. Na sua tradução composta pela pedagoga surda Luciane Rangel e pelo professor ouvinte Luiz Carlos Freitas, sinalizada pelo ator e cinegrafista surdo Nelson Pimenta, percebemos a competência tradutória desenvolvida por ambos os tradutores e representada pelo ator surdo, assim como a capacidade linguística da Libras em conseguir expor/evidenciar/traduzir/representar a narrativa proposta, explorando ao máximo os principais parâmetros da Língua de Sinais, – configuração das mãos; pontos de articulação; movimento; orientação; expressão corporal e/ou facial – classificadores, entre outras especificidades.

Não é objetivo dessa pesquisa analisar como e de que forma esses fatores linguísticos estão empregados na obra em análise. Apesar de ser uma perspectiva bastante relevante a ser discutida, o curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas não me subsidia nesses aspectos linguísticos e específicos da Libras. Não obstante a minha formação para além da universidade, em outros tempos e espaços formativos, acredito que essa proposta de análise seria mais bem desenvolvida em um curso de Letras – Libras, em que suporte teórico para tal perspectiva é mais amplo. Além disso, me interessa na literatura em geral observar os aspectos sociais voltados para a identidade e a cultura, ou seja, discutir as questões sócio-histórico-culturais que contribuíram para que aquela produção literária acontecesse – questão que, neste momento, me atrai mais do que as questões técnicas de formas gramaticais e linguísticas. Nessa narrativa aqui analisada, vale, portanto, esse destaque ao discurso apresentado acerca da relevância da Língua de Sinais na vida do sujeito surdo, bem como suas implicações culturais e identitárias.

Mesmo perpassando por essa negação histórica de uma língua visuo-manual em detrimento do oralismo, as línguas de sinais resistiram. Isso nos confirma o quanto necessária ela se faz nas inter-relações sociais dos povos surdos – elas se mantiveram e se mantem firmes mesmo diante das incredulidades no que tange às suas potencialidades linguísticas.

Para Strobel (2008), a Língua de Sinais é uma língua prioritária do povo surdo que é expressa através da modalidade espacial-visual. Isso nos permite pensar que a essência da comunicação, e a melhor forma que os povos surdos têm de se posicionar na sociedade é através das línguas de sinais. Dessa forma, a utilização dessa língua

favorecerá a construção identitária desse sujeito, fazendo com que a consideremos um aspecto fundamental para a cultura surda. Segundo Strobel (2008 p. 44),

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal. (STROBEL, 2008 p. 44)

Assim, não podemos desconsiderar o valor cultural que a Língua de Sinais exerce entre os povos surdos, sendo ela considerada pelos próprios estudiosos surdos aqui já citados, como a maneira mais completa para desenvolvimento das relações interpessoais entre os seus pares, bem como contribuinte para a formação de sujeitos agentes perante a sociedade.

Em *Um mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras* percebemos a influência que a LIBRAS teve na mudança de vida da personagem principal quando se percebeu surda e quando conheceu uma nova maneira de se comunicar a partir da Língua de Sinais.

A personagem Ana, nessa obra literária, por um bom tempo viveu em mundo incompreensível. Para ela, as relações sociais, o modo como as pessoas ouvintes tinham de se comunicar e parte das ações proferidas por eles não lhe faziam sentido algum. Dessa forma, passou acreditar que nela havia algum problema que apenas tardiamente fora melhor compreendido: Ana apenas tinha diferenças linguísticas, culturais e identitárias. Esta situação representada no conto dialoga com o exposto por Mourão (2011, p. 38), doutor, pesquisador surdo, que afirma que, dentre outras coisas, a diferença está também na língua, e que não é uma questão de deficiência, mas de minoria linguística.

Quando finalmente descobriu a língua que lhe pertencia e que lhe possibilitou a compreensão de coisas que até então eram obscuras, Ana sentiu no coração, lá dentro do peito, uma grande alegria (OLIVEIRA, CARVALHO e OLIVEIRA, 2008)

As autoras intitulam esse momento como “descobrimo o mundo das mãos”. Nesse mundo, a personagem surda também se descobre enquanto pessoa surda através da Libras e assim passa a se sentir protagonista de sua própria história. Agora ela podia exprimir seus sentimentos, entender o outro e se fazer entendível. Vejamos abaixo a forma como esse episódio é descrito na história:

Figura 1 – Ilustração do livro: descobrindo o mundo das mãos



Fonte: OLIVEIRA, CARVALHO e OLIVEIRA (2008 p. 20 - 21).

Se fôssemos descrever esse encontro de Ana com a sua língua materna apenas com uma palavra, esta seria: Liberdade. Ana libertou-se do mundo categórico que ela mesma criou baseado nas ações ouvintistas do seu cotidiano.

Isso nos conduz a pensar como a Língua de Sinais torna-se um aspecto fundamental na cultura surda, uma vez que utilizando essa língua, que é a sua língua natural, o sujeito passa a se reconhecer socialmente e a traçar seus caminhos no meio social. Vejamos como Mourão (2011) vivifica essa língua demonstrando o seu processo de consolidação, fazendo-nos perceber quão infinitas são as suas possibilidades.

As mãos, na língua de sinais, produzem as palavras, voam como a velocidade da luz, atravessam a visão do outro, desembarcam no aeroporto dos olhos, automaticamente as malas vão parar no cérebro, explodindo os maiores parque do mundo, onde podem brincar de roda gigante, carrossel, montanha russa. (MOURÃO, 2011, p. 38)

A questão do reconhecimento é perceptível na narrativa, quando insurge nas expressões “Ela era surda. Não era um quebra-cabeça incompleto! Nem uma caixinha sem chave! Podia fazer as pessoas entenderem seus sentimentos, dizer o que queria, usando as suas mãos, e não a boca” (OLIVEIRA, CARVALHO e OLIVEIRA, 2008, p. 21). Quando o sujeito surdo descobre o mundo das mãos mexedeiras, descobre também outros mundos e outras formas de viver.

Outro aspecto que deve ser levado em consideração ao trazer a questão da Língua de Sinais na Literatura Surda é a condição desse artefato possibilitar o registro da Libras. Essa narrativa que, apesar de ter sido primordialmente escrita em Língua Portuguesa, passou por um processo de tradução para Libras, o que nos permite visualizar a representatividade linguística trazida na obra pelo cinegrafista/ator/escritor/professor surdo Nelson Pimenta. Segundo Pissinatti (2006).

Ao manifestar na literatura os valores linguístico-culturais do povo surdo, a escrita nas narrativas culturalmente adaptadas torna-se “veneno e cura” [...]; ao mesmo tempo em que é meio de registrar, transmitir os valores de um povo, é também lembrança viva das marcas deixadas pela colonização linguística imposta pelo Congresso de Milão, em 1880. (PISSINATTI, 2006. p. 54)

A Literatura Surda, nesse sentido, apresenta-se como uma possibilidade de apropriação linguística, em que permite a transferência de valores linguísticos, histórico-culturais. Sueli Fernandes (2008), doutora em linguística, afirma que a “língua [...] delimita um território de enunciação, saturado de valores e posicionamentos [...] se situa na arena de guerras discursivas que constitui os sujeitos, sua subjetividade, seu lugar no mundo”. É possível, portanto, identificar a relevância da Língua de Sinais não só para o alcance da comunicação entre o povo surdo, mas também nas relações socioculturais, cuja a língua nesse aspecto se configura como um marcador cultural e identitário desses sujeitos.

4.2 “SOU SURDO! O MEU JEITO DE SER JÁ MARCA A DIFERENÇA!” – A QUESTÃO CULTURAL

Pesquisas realizadas pela estudiosa Lodennir Karnopp (2006) dentro do campo da Literatura Surda a constituem sempre relacionada à cultura surda. Nesse sentido, as produções literárias vinculadas à cultura surda adquirem um papel de difusão

dessa cultura, permitindo a visibilidade de expressões linguísticas e artísticas advindas da experiência visual (KARNOPP, 2008).

Para entendermos a cultura surda é necessário que antes tenhamos uma dimensão ideológica sobre cultura. Muitas são as definições que se tem sobre esse termo, mas apesar disso, como coloca Souza (2006), o conceito continua a oferecer mais indagações do que respostas.

Abordaremos aqui duas principais perspectivas que caracterizam a cultura. A primeira delas a define a partir da ideia unitária de cultura, estando relacionada na sociedade com as ideologias hegemônicas, de padronização, de normalização (STROBEL, 2008). Essa concepção constitui a cultura como sendo universal, na qual todos/as pertencem a uma única cultura. A segunda perspectiva admite a existência não de uma cultura, mas de culturas - no plural (STROBEL, 2008). Essa última nos conduz a uma ideia de múltiplas manifestações e experiências culturais, não limitando as possibilidades culturais na sociedade e admitindo a valorização dos diversos grupos culturais.

No campo dos Estudos Culturais, a perspectiva de homogeneidade não sustenta a definição de cultura, pois não se pode desconsiderar a pluralidade existente no meio social. Baseando-se nisso, Strobel (2008) nos convida a pensar na cultura grupal, ou seja, como ela diferencia os grupos, no que faz emergir a “diferença”.

Na obra que estamos analisando, encontramos no capítulo intitulado “Um quebra-cabeça”, a concepção de diferença cultural, apontando o desconforto da garotinha surda ao conviver com sujeitos que agem culturalmente de uma maneira incompreensível para ela. Apesar de saber que nela havia uma diferença, tentava imitar as ações e práticas das pessoas ouvintes que estavam ao seu redor, talvez, na sua cabeça, ela imaginasse que reproduzindo essas atitudes pudesse compreender o mundo e se fazer compreensível. Vejamos abaixo o momento em que é narrado esse episódio:

Figura 2 – Ilustração do livro: um quebra-cabeça



Fonte: OLIVEIRA, CARVALHO e OLIVEIRA (2008 p. 6 - 7).

Uma das primeiras impressões culturais percebidas nesse capítulo da história é captada a partir da ilustração que é feita das crianças. Todas estão alegres, sorridentes e satisfeitas, com exceção de Ana. De seu semblante emerge a dúvida e a confusão. A garotinha encontra-se deslocada na dança das cadeiras, brincadeira que tinha a música como centralidade. Porém a música, segundo Strobel (2008) não faz parte da cultura surda, mas se insere na cultura ouvinte. Por isso, mesmo com todo esforço, Ana não entendia a lógica da brincadeira, e portanto, perdia nas competições. Seus colegas passaram a lhe excluir, pois não sabiam lidar com a diferença.

Ana olhava as crianças correndo em volta das cadeiras. De repente, sentavam-se. Assim fizeram até que uma coleguinha ganhou a brincadeira. Ana estava triste, pois, como sempre, foi a primeira a sair da competição. Ela se esforçava tanto, corria, imitando os colegas, mas não sabia a hora de parar. Ela não entendia por que as crianças não a escolhiam para formar equipes para brincadeiras (OLIVEIRA, CARVALHO e OLIVEIRA, 2008, p.7)

Essa questão de inferiorizar o sujeito surdo devido à sua diferença cultural e linguística marcou por muito tempo a história do povo surdo. Historicamente, os sujeitos surdos sempre tiveram estereótipos sociais como seres inferiores aos sujeitos ouvintes, como seres “deficientes” que precisavam se adequar, caminhar para a “normalidade” (STROBEL, 2008). O grande problema do desconhecimento, da não aceitação e da não compreensão dos sujeitos ouvintes em relação à cultura surda, [...] na realidade, não são os sujeitos surdos, não são as identidades surdas, nem a Língua de Sinais e sim as representações estereotipadas e hegemônicas sobre a cultura surda. (STROBEL, 2008)

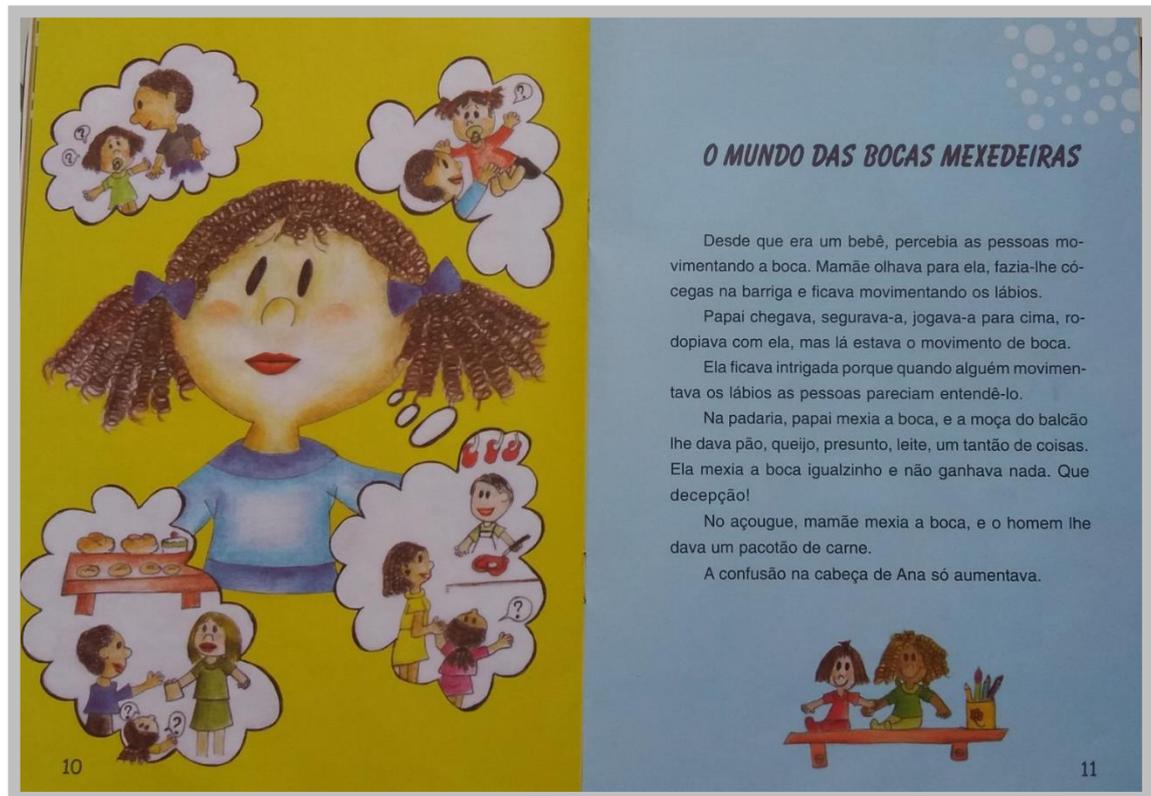
Aquela maneira de agir das pessoas à sua volta não agradava Ana, não porque havia algo de errado com o jeito do outro, mas porque não encontrava espaço para ela naquela cultura. É notório como é representada nessa narrativa a questão do não pertencimento do sujeito surdo, na cultura ouvinte. Ronice Quadros¹⁵ (1997); *apud* STROBEL, 2008, p. 97) aponta que:

[...] levando-se em conta o aspecto psicossocial da criança surda, ela apresentará uma socialização satisfatória e integrar-se-á no povo ouvinte se tiver desenvolvido uma identidade cultural com seu grupo (povos surdos); se isto não ocorrer, não se integrará em nenhum dos contextos, terá sérias limitações sociais e linguísticas. (QUADROS 1997, *apud* STROBEL, 2008, p. 97).

Nesse período da narrativa, Ana ainda não havia tido nenhum contato com povos surdos, sua identidade cultural estava em crise, em processo de formação. Vejamos abaixo, em outra parte da história essa representação de deslocamento e descontentamento de Ana com o mundo que lhe cercava.

¹⁵ QUADROS, Ronice. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

Figura 3 – ilustração do livro: o mundo das bocas mexedeiras



Fonte: OLIVEIRA, CARVALHO e OLIVEIRA (2008 p. 10 - 11).

Percebemos a inconformidade de Ana frente ao mundo das bocas mexedeiras. Definitivamente, era uma cultura que não lhe satisfazia. As tentativas de imitar o que seus pais faziam com a boca sempre eram frustradas. “Na padaria, papai mexia a boca, a moça do balcão lhe dava pão, queijo, presunto, leite, um tantão de coisas. Ela mexia a boca igualzinho e não ganhava nada. Que decepção!” (OLIVEIRA, CARVALHO e OLIVEIRA, 2008, p.11). Os movimentos que faziam com a boca não tinha sentido algum para ela. Contudo, percebeu que quando eles movimentavam para outras pessoas fazia sentido, por isso tentava copiar - Ana também queria ser compreendida.

O fato de a família de Ana ser constituída por pessoas ouvintes que não acessavam a Libras nas práticas sociointeracionais no âmbito doméstico causou esse atraso no processo de formação identitária surda. Possivelmente, esse atraso em

relação à personagem Ana seja no que se refere à identidade política¹⁶, posto que ela já apresentava alguma consciência de diferença em relação às demais pessoas e até tentava imitar-lhes, o que sugere a constituição de outras identidades surdas transitórias que foram reconfiguradas no contato com a comunidade surda. De acordo com Strobel (2008) Muitas vezes o processo de transmissão cultural de surdos ocorre com muitos sujeitos surdos somente na idade mais avançada, já adultos, porque a maioria dos surdos tem família ouvintes.

Ao observarmos a ilustração acima, percebemos pontos de interrogações na cabeça de Ana demonstrando suas angústias em meio a uma cultura ouvinte. Isso demarca a importância da apropriação da cultura surda, pois ela é o jeito de o surdo entender o mundo e de modificá-lo, a fim de torná-lo habitável (STROBEL, 2008). Isso implica dizer que se a criança surda não tem noção nenhuma da cultura que faz parte, certamente, não terá definição nem de si mesmo e nem do mundo. Karnopp (2008) ressalta que:

A cultura surda está presente entre nós, se apresentando talvez como um desejo de reconhecimento, em que busca 'um outro lugar e uma outra coisa', imprimindo outras imagens e outros sentidos daqueles até então existentes ou determinados pela cultura ouvinte (KARNOPP, 2008, p. 4).

Ao contrário do que muito se tem propagando sobre cultura surda, colocando-a como estigma social, ela tem suas primazias, a começar pela própria Língua de Sinais, apresentando ricas manifestações culturais através da Literatura Surda, das artes surdas, dos seus costumes, crenças, etc. Para Skliar (2001) a cultura surda não é uma imagem velada de uma hipotética cultura ouvinte, não é o seu revés, não é uma cultura patológica.

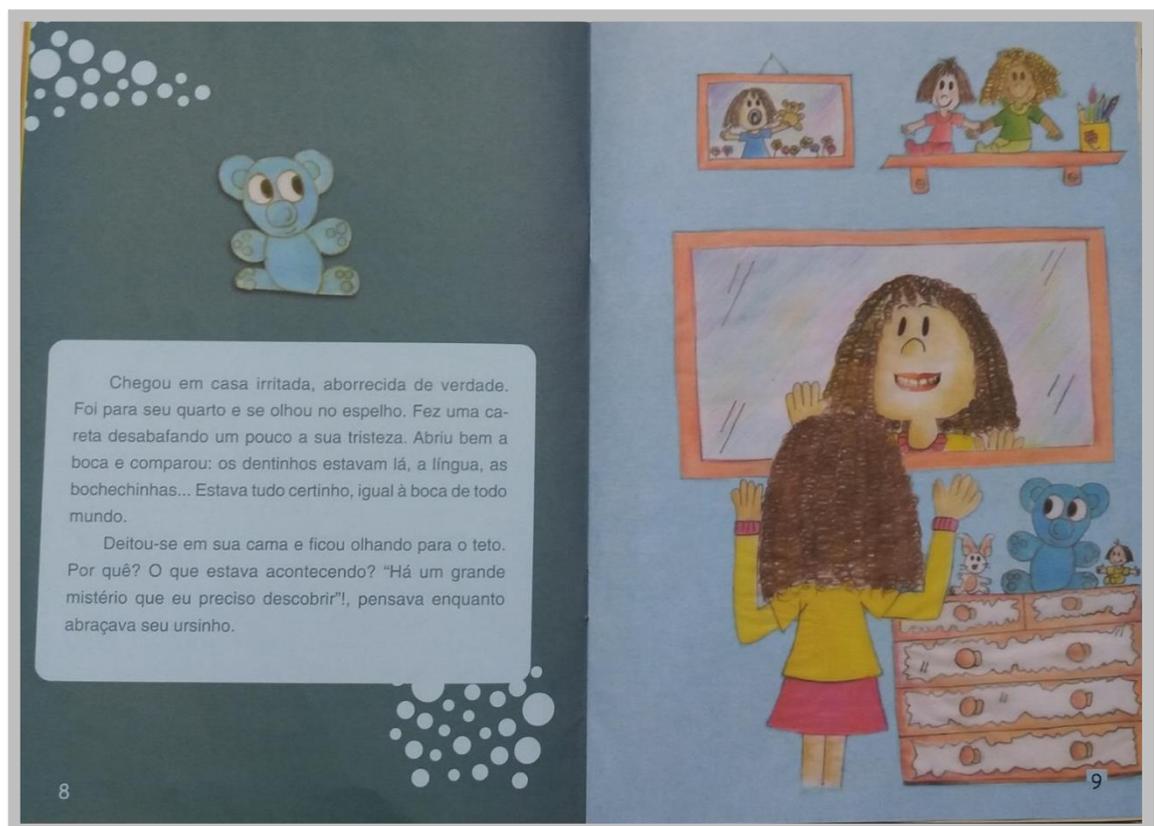
Sendo assim, podemos dizer que valores culturais dos povos surdos são expressos na Literatura Surda, contribuindo, sobretudo, para o fortalecimento das identidades surdas através da representação e afirmação das diferenças. A cultura surda, dessa forma, será peça chave na revelação e construção das identidades surdas.

¹⁶ Gladis Perlin (1998) chama de identidade política aquela em que o surdo constrói sua identidade fortemente centrada no ser surdo. Trata-se de uma identidade que se sobressai na militância pelo específico surdo. É a consciência surda de ser definitivamente diferente e de necessitar de implicações e recursos completamente visuais.

4.3 “ELE VENDEU IDENTIDADE FINGIR ‘SER OUVINTE’ E COMPROU IDENTIDADE ‘SER SURDO’” – AS QUESTÕES IDENTITÁRIAS

Na narrativa, a garotinha surda busca incessantemente descobrir o que de fato a faz diferente de seus pais e das pessoas ao seu redor. Esse é outro aspecto emergente no conto, a crise identitária (Hall, 2006). Além disso, segundo Mercer¹⁷ (1990; *apud* HALL, 2006 p. 9) “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”.

Figura 4 – Ilustração do livro – um quebra cabeça



Fonte: OLIVEIRA, CARVALHO e OLIVEIRA (2008 p. 8 - 9).

Nessa ilustração, podemos perceber o incômodo de Ana consigo mesma. Frente a um espelho ela tenta descobrir o que lhe faz ser diferente dos outros, mas se frustra ao concluir que sua boca tem as mesmas características dos demais, não conseguindo identificar nenhuma diferença.

¹⁷ MERCER, K. "Welcome to the jungle". In Rutherford, J. (org.). Identity. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

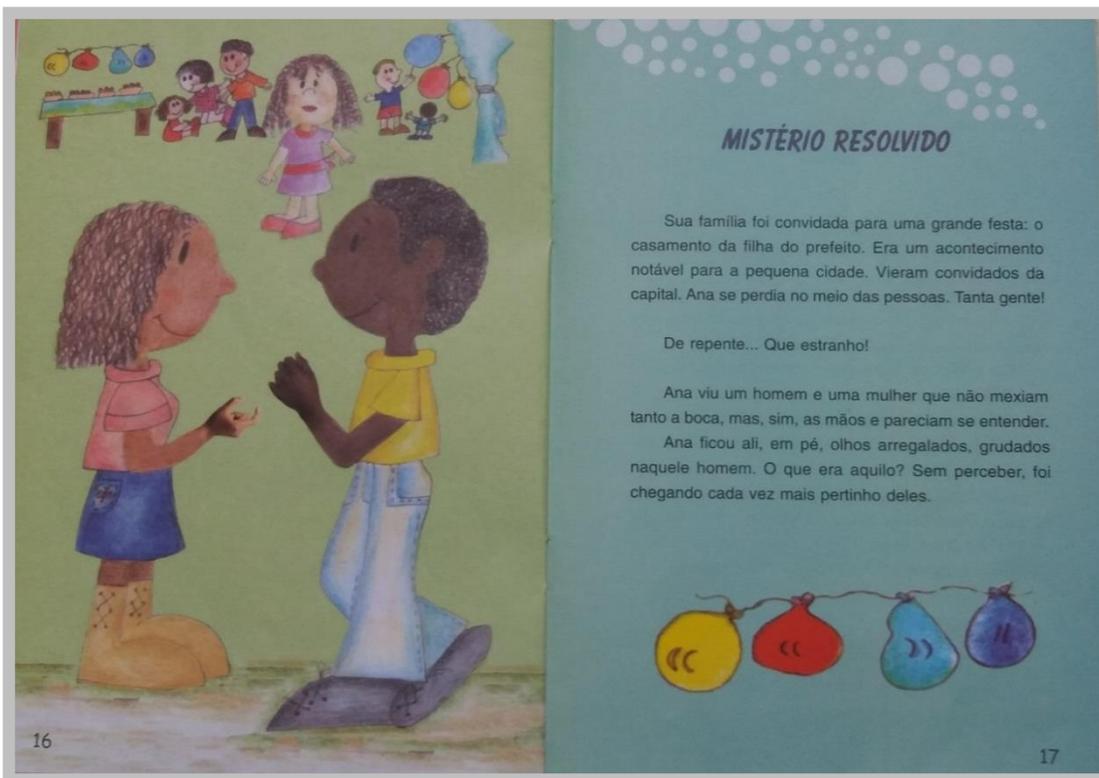
O espelho nesse momento aparece como uma simbologia emergindo o aspecto da identificação, também possibilita a Ana ver-se, representando a importância que o olhar e o visual tem para a comunidade surda. É nele que Ana procura se reconhecer. Sua mente estava cada vez mais confusa - ela ansiava pelo desvendamento desse mistério.

Trazer à tona a questão da identidade nos impulsiona a buscar conceitos sobre o que é identidade. Todavia, assim como cultura e literatura, sua definição, “é demasiadamente complexa” (Hall, 2005, p 8). Para essa pesquisa, encontramos subsídio nas concepções de Stuart Hall (2003) em que aponta as identidades como resultado de formações históricas específicas, de histórias e repertórios culturais de enunciação muito específicos. Elas, as identidades, são construídas a partir de um processo de identificação, contudo não são estáveis, estão em constante processo de transformação. Assim também, Hall (2011) discute que, embora tenha suas condições determinadas de existência, o que inclui os recursos materiais e simbólicos exigidos para sustentá-la, a identificação é, ao fim e ao cabo, condicional.

Tendo como base essas definições, entendemos que as identidades surdas serão construídas a partir de um conjunto de valores históricos, sociais e culturais dos povos surdos. Essas representações auxiliarão no processo da formação identitária que são consolidadas, reflete Strobel (2008), a partir de comportamentos transmitidos coletivamente pelo povo surdo que ocorre espontaneamente quando os sujeitos surdos se encontram com os outros membros surdos nas comunidades surdas.

No conto analisado, presenciamos um episódio que retrata a identificação da criança surda, com surdos adultos. Nesse momento, o mistério que ela tanto almejava descobrir, é revelado. Vejamos como isso acontece:

Figura 5 – Ilustração do livro: mistério resolvido



Fonte: OLIVEIRA, CARVALHO e OLIVEIRA (2008, p. 16 - 17).

Figura 6 – Ilustração do livro – mistério resolvido



Fonte: OLIVEIRA, CARVALHO e OLIVEIRA (2008 p. 18 - 19).

A maioria das narrativas tem como base a ideia de que a identidade surda está relacionada a uma questão de uso da língua. (STROBEL 2008, p. 89). No capítulo que é intitulado “mistério resolvido”, Ana, identifica numa festa repleta de pessoas, um casal que não estava se comunicando como seus pais e seus colegas. Ela foi atraída pelo movimento das mãos que realizavam. Mesmo não mexendo tanto a boca, e sim as mãos, eles se entendiam, e isso lhe deixou muito surpresa. Impulsionada pela curiosidade, foi se aproximando a fim de entender o que estava de passando. “Ana ficou ali, em pé, olhos arregalados, grudados naquele homem. O que era aquilo? Sem perceber, foi chegando cada vez mais pertinho deles” (OLIVEIRA, CARVALHO e OLIVEIRA, 2008 p. 17).

Esse foi o primeiro contato da personagem surda com um adulto surdo. Foi também o momento em que se descobriu surda. Assim, podemos constatar que esse contato estabelecido entre Ana e o casal surdo possibilitou uma nova perspectiva cultural na história de Ana, isto é, uma mudança de vida. Sobre essa abordagem, Moura, Lodi e Harrison¹⁸ (1997; *apud* Strobel 2008, 45) afirmam:

A criança (no contato com modelos surdos adultos) não apenas terá assegurado a aquisição e desenvolvimento de linguagem, como (também) a integração de um autoconceito positivo. Ela terá a possibilidade de desenvolver sua identidade como uma representação de integridade, não como a de falta ou de deficiência [...] podendo se perceber como capaz e passível de vir a ser. Ela não terá de ir atrás de uma identidade que ela nunca consegue alcançar: a de ouvinte (1997, p. 345 *apud* STROBEL 2008, 45).

A importância do contato de Ana com seus pares – sujeitos surdos – se dá, dentre outros aspectos, pela concessão de aspectos culturais que contribuirão para a afirmação identitária surda. Isso acontece não somente pelo fato desses sujeitos serem surdos, mas pela aquisição de uma língua em comum – nesse caso a Libras – pelo contexto histórico, político e social das comunidades surdas. A ideia é compreender que identidade é definida histórica, social e culturalmente, e não biologicamente (HALL, 2005). Segundo Nakagawa (2012):

A afirmação da(s) identidade(s) surda(s), por conseguinte, não decorre imediata e inexoravelmente da condição biológica do não ouvir (da surdez inscrita no corpo); antes, funda-se em uma série de pressupostos políticos e culturais (e, por isso, históricos) que permitem

¹⁸ MOURA, M. C.; LODI, A. C. B.; HARRISSON, R. M. P. História e educação: o surdo, a oralidade e o uso de sinais. In: LOPES, F. O. Tratado de Fonoaudiologia. São Paulo: Roca, 1997. p. 327-357.

aos sujeitos surdos novas, e possíveis, representações, significações e categorias sociais. (NAKAGAWA, 2012, p. 25-26)

No encontro do surdo com outro surdo que também acessa a Língua de Sinais como uma primeira língua se faz brotar novas probabilidades de subjetividades, de compartilhar a cultura, de aquisição de conhecimentos (STROBEL 2008). Até então, Ana só havia tido contato com uma cultura ouvinte. Ela tentava reproduzir seus modos de agir, mas sempre estava insatisfeita com o resultado de suas ações reprodutivas. A partir do momento que ela descobre outra possibilidade de ser e estar – ser e estar surda – suas motivações passaram a ser o desbravamento da cultura surda, em que se enxergou parte dela.

Outra marca identitária observada na narrativa, é a conversa estabelecida entre a criança surda e o adulto surdo. Para Gladis Perlin (1998), pesquisadora surda, “quando um surdo se encontra pela primeira vez com outro surdo, eles contam pela primeira vez histórias de [...] suas vidas [...] como se conhecessem desde a eternidade” (PERLIN, 1998, p. 14). O diálogo é imediato, direto, fácil.

O homem observou a menina e veio conversar com ela. Aquele homem, mexendo com as mãos e o corpo, contou a Ana uma coisa que ela não sabia. Ele era surdo. Sua esposa também era surda. Ana era surda. Papai, mamãe, seus coleguinhas da escola, a moça da padaria, o rapaz do açougue, todos aqueles que mexiam a boca sem parar eram ouvintes. Ouvintes, explicou aquele homem, eram pessoas que ouviam com os ouvidos e falavam com a boca. Surdos eram pessoas que viam com os olhos e falavam com as mãos. (OLIVEIRA, CARVALHO e OLIVEIRA, 2008, p.18)

Diante dessa discussão no que tange aos aspectos identitários de uma sociedade, cabe aqui um olhar de destaque sobre essa dicotomia latente entre surdos x ouvintes nos estudos relacionados à surdez. Daí surge alguns questionamentos: de onde parte essa diferenciação? Quem diferencia quem?

De acordo com Skliar (2001, p. 21) a configuração do ser ouvinte pode começar sendo uma simples referência a uma hipotética normalidade, mas se associa rapidamente a uma normalidade referida à audição. Podemos identificar, portanto, que essa questão da diferenciação está atrelada a uma tentativa de padronização do sujeito, que é rompida a partir do momento em que emergem e são evidenciadas as diferenças. O sujeito modelo, nesse caso, é o ser ouvinte, que “é ser falante e é também ser branco, homem, profissional, letrado, civilizado, etc. Ser surdo, portanto, significa não falar – surdo-mudo – e não ser humano” (SKLIAR, 2001, p. 21). Se

partirmos desse pressuposto, chegaremos à consideração de que houve e ainda há, na verdade, um dualismo que sempre existiu na sociedade, as figuras do colonizador e o colonizado, nesse caso, “o paternalismo dos ouvintes encara a sua tarefa como de ‘civilizar’ o sujeito surdo” (LANE, 1992, p. 48).

Essa é uma vertente desse discurso dicotômico entre surdos e ouvinte. Mas algo que também podemos refletir se refere às cargas semânticas que acompanham essas palavras como forma de diferenciar esses grupos e que ocorre, muitas vezes, sem considerar as heterogeneidades presentes nestes grupos. Fala-se dos surdos como se pudéssemos colocar todos num mesmo pacote, como se fossem todos iguais. O mesmo se dá quando os surdos falam dos ouvintes. Esse olhar tende a uma perspectiva de homogeneização causando um sombreamento nas múltiplas identidades surdas e ouvintes. Portanto, quando aqui mencionamos esse contraste entre os sujeitos ouvintes e sujeitos surdos, demarcamos, sobretudo, a diferenciação de suas experiências auditivas e visuais, respectivamente. É necessário ter o cuidado de, ao afirmar a diferença, evitar homogeneizá-la e assim acabar provocando o apagamento das diferenças existentes entre ouvintes e surdos. Dessa forma, deve-se pensar em identidades híbridas, identidades ouvintes e identidades surdas – sempre no plural – pois as identidades estarão em movimento, em constante transformação, como afirma Skliar (2001), é importante refletir sobre uma política de identidades surdas, na qual questões ligadas à raça, à etnia, ao gênero, etc., sejam também entendidas como “identidades surdas”.

Próximo passo de Ana foi aquisição da Língua de Sinais, que se deu de forma natural e rápida. O conhecimento dos sinais ocorre de forma espontânea e imediata (STROBEL, 2008, p. 83). No entanto, é importante destacar que esse aprendizado, de certo modo, se deu de forma tardia. Segundo Quadros e Pizzio (2011), cerca de 95% das crianças surdas nascem em famílias ouvintes que desconhecem a Língua de Sinais, e isso implica diretamente na aquisição tardia desta língua por parte destas crianças.

De acordo com Mayberry¹⁹ (2005; *apud* QUADROS E PIZZIO, 2011), a aprendizagem de L1 depois da primeira infância tem efeitos negativos na compreensão da linguagem por adultos. Lamentavelmente, esse cenário da aquisição tardia da LS pelos sujeitos surdos, ainda é um entrave vivenciado pelo povo surdo

¹⁹ MAYBERRY, Rachel. 2005. Second language learning of sign languages. In B. Woll (ed.), Sign Language. Encyclopedia of Language and Linguistics, 2nd Edition. Oxford: Elsevier.

brasileiro, uma vez que, em alguns casos, pode comprometer as competências linguísticas e de aprendizagem desse sujeito. Segundo Quadros e Pizzio (2011):

Esses indivíduos freqüentemente cometem erros fonológicos, produzem sinais que apresentam violação de regras semânticas e sintáticas das sentenças em língua de sinais. Há efeitos também no conhecimento gramatical da língua de sinais desses indivíduos. Eles geralmente apagam qualquer tipo de flexão gramatical quando produzem sentenças em sinais. Em contrapartida, aprendizes de língua de sinais como L1 desde o nascimento têm um desempenho muito mais apurado, apresentando poucos ou nenhum erro fonológico, de léxico ou na estrutura da sentença em língua de sinais (Quadros e Pizzio 2011, p. 65).

Desse modo, percebemos a necessidade de se estimular o aprendizado da Língua de Sinais desde muito cedo, favorecendo assim as habilidades linguísticas e interacionais desses sujeitos, possibilitando-os autonomia, criticidade social, posicionamento frente às questões socioculturais e ao empoderamento linguístico.

O desfecho da narrativa apresenta a criança surda livre de um descontentamento, pois com o aprendizado da Libras, Ana, agora ver-se diante da possibilidade de se auto narrar, e de se auto identificar. Dessa forma, com a apropriação da sua língua terá bases consistentes para a construção de sua identidade, fundamentada na diferença.

As identidades surdas estarão sempre em transformação. As experiências surdas, a história, a Língua de Sinais, se constituem em repertórios culturais que permitirão o surgimento de múltiplas identidades surdas. As diversas manifestações surdas representadas nas artes, na literatura, nas experiências visuais, nas crenças, são representações que contribuirão para o fortalecimento e transividade de construções ideológicas surdas. Em conformidade com Hall (2011), ele defende que:

As identidades [...] têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”. (HALL, 2011, p. 109).

Como vemos, as marcas linguísticas, culturais e identitárias são questões visivelmente exploradas na Literatura Surda, porque há uma ligação histórica, política e social entre todas essas questões. Se o papel da Literatura Surda é trazer à tona as

experiências surdas e representar as experiências e as vivências reais dos povos surdos, temos esses requisitos atendidos na narrativa surda “O mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras”.

CONSIDERAÇÕES (IN)CONCLUSIVAS

Desenvolver essa pesquisa trouxe para mim um aprendizado muito significativo, sobretudo, no que se refere às possibilidades literárias que os sujeitos em suas diversidades linguísticas e culturais são capazes de produzir. Entender que a literatura está muito além do que se diz sobre literatura, compreender que este conceito dependerá da concepção de cada grupo social em seu espaço, foram (re)descobertas que marcaram uma ruptura de valores literários nesse início de trajetória enquanto professora/pesquisadora.

O aprofundamento teórico acerca da Literatura Surda e suas representações me possibilitaram o conhecimento mais ampliado a aspectos peculiares das comunidades surdas, além de permitir um olhar investigativo sobre as culturas surdas e identidades surdas. Entendi que quando falamos em cultura surda, falamos de uma diversidade cultural surda, na qual os gostos, profissões, etnias, gênero, etc., são diversos, e o que há de comum são as experiências visuais vividas a partir de uma língua também em comum, a Língua de Sinais. Essa língua pode ser ponto de partida para a construção das identidades surdas, que também são híbridas em constante transformação.

Quando me debrucei sobre a Literatura Surda, esperei muito mais do que uma literatura subversiva, mas, sobretudo, a literatura da qual Antônio Cândido (2002) propõe, aquela que humaniza. E sim, encontrei dentro da literatura surda essa mimetização das experiências surdas. Além de imitar a realidade surda, a Literatura Surda também tende a ser verossímil, posto que a imita de uma forma possível de ocorrer, coerente com essa realidade e em estreito diálogo/aproximação com essa realidade imitada. Em *O mundo das bocas mexedeiras*, especialmente, vislumbramos a experiência do sujeito surdo ainda na infância. Vimos materializadas as subjetividades, as angústias de uma criança surda ansiando descobrir o mistério de não se encaixar nas experiências vividas pelas pessoas ouvintes. Talvez o sentimento de empatia tenha nos rematado, pois tivemos a oportunidade de sentir e perceber o outro, diferente de nós.

É possível destacar a relevância dessa pesquisa e da obra analisada para os estudos surdos, uma vez que apresenta duas vertentes importantes, mas que em processo de empoderamento, a língua, nesse caso a Libras e a Literatura surda. Trazer à tona o artefato cultural da Literatura Surda permite-nos pensar nas potencialidades culturais surdas, nas suas experiências visuais, e nos processos

identitários que possibilitam a consolidação dessas produções. Além disso, emerge a questão da língua, suas peculiaridades, suas capacidades linguísticas em representar as nuances abstratas da literatura. Para os estudos literários, a Literatura Surda propõe um olhar contemporâneo ao evidenciar experiências reais, isto é verossimilhança, ao utilizar as mídias digitais para sua propagação, pela originalidade a cada criação, por misturar culturas, enfim por propor uma ruptura de padrões e conceitos pré-definidos sobre literatura. Outro aspecto relevante desse estudo se reflete na educação de surdos. A Literatura Surda, especificamente a narrativa analisada neste estudo, apresenta-se como uma alternativa didática para o ensino e aprendizagem da Libras e da Língua Portuguesa em sala de aula, para promoção de discussões sobre diversidade e inclusão, bem como para reflexão sobre o surdo na sociedade.

Entendo que toda pesquisa sempre estará sujeita a lacunas. Quanto mais a exploramos, mais caminhos vão se abrindo e novas possibilidades vão surgindo. Nesse estudo não foi diferente - questões familiares e educacionais também emergiram na obra em questão. Contudo, não foram categorias analisadas, pois fugiam aos nossos objetivos, cujo o foco, por sua vez, envolveu os aspectos culturais, linguísticos e identitários da pessoa surda que se manifestaram na obra. Todavia, são questões que posteriormente podem ser discutidas como artefatos culturais dos povos surdos. Outra possibilidade de estudo, volta-se para o papel lúdico da literatura infanto-juvenil na Literatura Surda, analisando, por exemplo, como as ilustrações, as imagens apresentadas exercem uma função visual e cultural na compreensão da narrativa.

São vastas as alternativas de pesquisas relacionadas a Literatura Surda e, especialmente, necessárias, porque ainda é uma área pouco evidenciada nas discussões vinculadas a teoria literária. Para mim, enquanto professora de Língua Portuguesa, essa temática torna-se desafiadora e ao mesmo tempo satisfatória, uma vez que incito o contato entre duas culturas, duas línguas – Língua Portuguesa e Libras – que tendem a se fortalecer juntas e a enriquecerem no campo dos estudos literários em suas implicações linguísticos-culturais e identitárias.

Por fim, a literatura se veste de várias formas, nós escolhemos a veste da Literatura Surda, que veste as mãos – o corpo –, que sinaliza, que narra suas experiências visuais, que resiste, persiste, que compõe, expõe seus sentimentos

interiorizados, inferiorizados (silenciados), que representa, que abre caminhos, caminhos para a construção identitária surda e para rupturas literárias.

REFERÊNCIAS

- ABDALA JUNIOR, Benjamin; PINTO, Aroldo José Abreu; SILVA, Agnaldo Rodrigues da. (Org.) **Esse entre-lugar da literatura: concepção estética e fronteiras**. São Paulo: Arte e Ciência, 2013.
- BARBOSA, Meire Aparecida. **A inclusão do surdo no ensino regular: a legislação**. 2007. 73f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BOLDO, Jaqueline Tramonte. **Intercorrências na cultura e na identidade surda com o uso da literatura infantil**. 2015. 134f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- BOSSE, Renata Ohlson Heinzemann. **Pedagogia cultural em poemas da língua brasileira de sinais**. 2014. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: Unesco, 1994.
- _____. **Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº10.436, de 24 de abril e 2002. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 24 maio 2017.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Lei nº. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a língua brasileira de sinais – libras e dá outras providências. Disponível em portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei10436.pdf. Acesso em: 3 jul. 2017.
- BUENO, José Geraldo Silveira. Surdez, linguagem e cultura. **Cad. CEDES**, v.19, n.46 Campinas, set. 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000300005. Acesso em: 3 jul. 2017.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: **Textos de intervenção**; seleção apresentações e notas de Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades Ed.34, 2002.
- _____. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Ouro sobre Azul. Rio de Janeiro, 2006.
- CAPOVILLA, Fernando C. Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 6, n. 1, p. 99-116, 2000.

CATÁLOGO de Teses e Dissertações. Disponível em:
<http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 12 jun. 2018.

FACINI, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2004.

HALL, Stuart. **Da diáspora – identidades e mediações culturais**. Tradução Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KARNOPP, Lodenir Becker. Literatura surda. **ETD: Educação Temática Digital**, Campinas, v.7, n.2, p. 98 – 109, jun. 2006.

_____. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. **Cadernos de Educação**, Pelotas, 36, p. 155-174, maio/ago. 2010.

_____. **Literatura surda**. UFSC: Florianópolis, 2008. Disponível em:
http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/literaturaVisual/assets/369/Literatura_Surda_Texto-Base.pdf. Acesso em: 10 out. 2016.

KATZWINKEL, Andrea da Silva. **O papel da contação de histórias na construção da identidade surda**. 2013. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituição de Ensino, Fundação Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2013.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. 10. ed. São Paulo. Brasiliense. 1989.

LANE, Harlan. **A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada**. São Paulo: Instituto Piaget, 1992.

MACEDO, Jeanie Liza Marques Ferraz de. **Literatura surda e letramento visual: a criação de uma história infantil e de material didático bilíngue para surdos**. 2017. 100 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) - Instituição de Ensino, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira; OLIVEIRA, Guilherme Silva de. Literatura surda e ensino fundamental: resgates culturais a partir de um modelo tradutório com especificidades visuais. **Educ. Soc.**, Campinas, v..36, n.133, p.1041-1058, out./dez. 2015.

MENEZES, Ronny Diogenes de. **As escritas surdas como artefatos culturais mediadores de reflexões a respeito das crenças sobre a surdez**. 2017. 155 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Formação de Professores) - Instituição de Ensino, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOURA, Maria Cecília de. **O surdo: caminhos para uma nova identidade.** 1996. 251f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. **Literatura surda: produções culturais de surdos em língua de sinais.** 2011. 132f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

_____. **Literatura surda: experiência das mãos literárias.** 2016. 287f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

_____. **Literatura surda: produções culturais de surdos em língua de sinais.** Revista Espaço, 01, n.37, fev. 2017.

MÜLLER, Janete Inês. **Marcadores culturais na literatura surda: constituição de significados em produções editoriais surdas.** 2012. 175f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

_____. **Marcadores culturais na literatura surda: constituição de significados em produções editoriais surdas.** Revista Espaço, 01, n. 41, jan. 2017.

_____; KARNOPP, Lodenir Becker. **Literatura surda: representações em produções editoriais.** Revista Educação em Questão, Natal, v. 55, n. 44, p. 121-143, abr./jun. 2017.

NAKAGAWA, Hugo Eiji Ibanhes. **Culturas surdas: o que se vê.** Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012.

NEVES, Claudete Marques das. **Literatura surda: uma literatura descolonizadora?** 2015. 65 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários Instituição de Ensino) - Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2015.

OLIVEIRA, Guilherme Silva de. **Literatura surda: além da língua de sinais.** 2016. 184f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituição de Ensino: Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

OLIVEIRA, Maria A. Amin; OLIVEIRA, Maria Lúcia Mansur Bomfim de; CARVALHO, Ozana Vera Giorigini de. **Um mistério a resolver: O mundo das bocas mexedeiras.** Belo Horizonte. Del Rey: 2008.

PEIXOTO, Janaina Aguiar. **O registro da beleza nas mãos: a tradição de produções poéticas em língua de sinais no Brasil.** 2016. 263f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituição de Ensino: Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

PERLIN, Gladis. **Histórias de vida surda**: Identidades em questão. 1998. 93f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 1998.

_____; MIRANDA, Wilson. Surdos: o narrar e a política. **Ponto de Vista**, Florianópolis, n. 5, p. 217-226, 2003.

PISSINATTI, Larissa Gotti. **Representações linguístico-culturais do povo surdo na Literatura Surda**. 2016. 134 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2016.

POKORSKI, Juliana de Oliveira. **Representações na literatura surda**: produção da diferença surda no curso de letras-libras. 2014. 149f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituição de Ensino: Universidade Federal Do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

PORTO, Shirley; PEIXOTO, Janaína. Literatura Visual. **Revista Letras Libras**, Biblioteca UFBP Digit@l. p.165-196, 2011. Disponível em http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/literatura_visual_1462975268.pdf. Acesso em 23 de abril de 2015.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. São Paulo: Ática, 1986.

QUADROS, Ronice Muller; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira**. Estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed; 2004.

_____; PIZZIO, Aline Lemos. **Aquisição da língua de sinais**. Florianópolis: UFSC, 2011. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/aquisicaoDeLinguaDeSinais/assets/748/Texto_Base_Aquisi_o_de_l_nguas_de_sinais_.pdf>. Acesso em: 28 maio 2016.

RAMOS, Clélia Regina. **Língua de sinais e literatura**: uma proposta de trabalho de tradução cultural. 1995. 177f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

ROSA, Fabiano Souto. Literatura Surda: criação e produção de imagens e textos. **ETD: Educação Temática Digital**, v.7, n.2, p.58-64, 2006.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SAMPAIO, Sonia Maria Gomes; PISSINATTI, Larissa Gotti. Evidências linguístico-culturais de resistência na literatura infantil pós-colonial: literatura surda e Ondjaki. **Anuário de Literatura**. Publicação do Curso de Pós-Graduação em Letras, Literatura Brasileira e Teoria Literária, v. 21, n. 2, p. 162-177, 2016.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SILVA, André Luiz Barros da. Literatura na margem: pensando o par centro/periferia entre filosofia e estética. **O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 39-56, 2017.

SILVA, Heleni Ramos. **Elo de construção da linguagem e cognição de crianças surdas**: literatura infantil, comunicando prazeres em busca da subjetividade. 2010. 97 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituição de Ensino: Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

SILVEIRA, Carolina Hessel. **Literatura surda**: análise da circulação de piadas clássicas em Língua de Sinais. 2015. 195 f. Tese (Doutorado em Educação) - Instituição de Ensino, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SKLIAR, Carlos. **Educação e exclusão**: abordagens sócio-antropológicas em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 2000.

_____. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

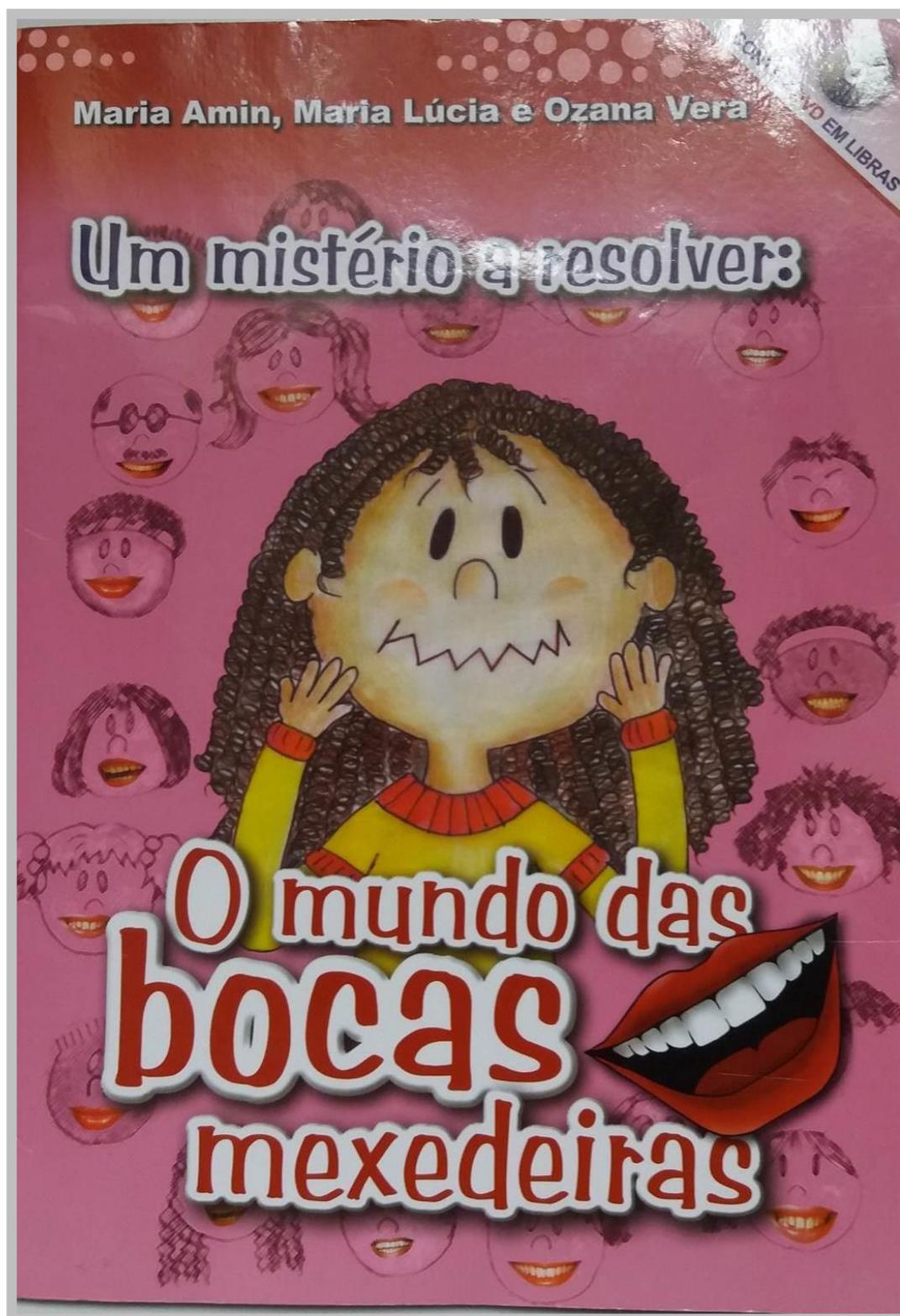
SOARES, Raquel Silva. Multiculturalismo e linguagem: literatura surda, o caminho contrário ao esquecimento. **ETD: Educação Temática Digital**, v.7, n.2, p.34-46, 2006.

SOUZA, Roberto Acízelo de. **Teoria da literatura**. São Paulo, Ática, 1986.

STROBEL Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: UFSC, 2008.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Crítica feminista: uma contribuição para a história da literatura. In: IX Seminário Internacional de História da Literatura. **Anais**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p. 407-415.

ANEXOS





Maria A. Amin de Oliveira
Ozana Vera Giorgini de Carvalho
Maria Lúcia Mansur Bomfim de Oliveira

Um mistério a resolver:

O mundo das bocas mexedeiras

*Aymara
Costa*

2018
7

Ilustrações
Ozana Vera Giorgini de Carvalho
Maria Lúcia Mansur Bomfim de Oliveira

Belo Horizonte
2008

O48u Oliveira, Maria A. Amin de
Um mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras / Maria A. Amin
de Oliveira, Maria Lúcia Mansur Bomfim de Oliveira / Ozana Vera Giorgini de
Carvalho. -- Belo Horizonte: Del Rey, 2008.

24 f. : il.

ISBN: 978-85-906400-2-8

1. Literatura infantil. I. Oliveira, Maria Lúcia Mansur Bomfim. III. Carvalho,
Ozana Vera Giorgini. IV. Título

CDD - 028.5

Elaborada por Tatiana Dias -- CRB6-2436

UM MISTÉRIO A RESOLVER: O MUNDO DAS BOCAS MEXEDEIRAS

Copyright © 2008 by
Maria A. Amin de Oliveira
Ozana Vera Giorgini de Carvalho
Maria Lúcia Mansur Bomfim de Oliveira

Autoras

Maria A. Amin de Oliveira
Ozana Vera Giorgini de Carvalho
Maria Lúcia Mansur Bomfim de Oliveira

Contato

e-mail: favinhodemei77@yahoo.com.br

Ilustrações

Ozana Vera Giorgini de Carvalho
Maria Lúcia Mansur Bomfim de Oliveira

Capa, projeto gráfico e diagramação

Eduardo Costa de Queiroz
Saitex Editoração (031)3497-7355

Revisão

Tucha

Impressão

Gráfica e Editora O Lutador

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por
qualquer meio sem a autorização por escrito das autoras.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Aos surdos com os quais aprendemos que não é
só por meio de nossas bocas que podemos falar.

Aos surdos que nos falam sorrindo, que se comunicam
com gestos, com simpatia e cordialidade. Anfitriões por excelência,
nos inserem com delicadeza ímpar em seus ambientes.

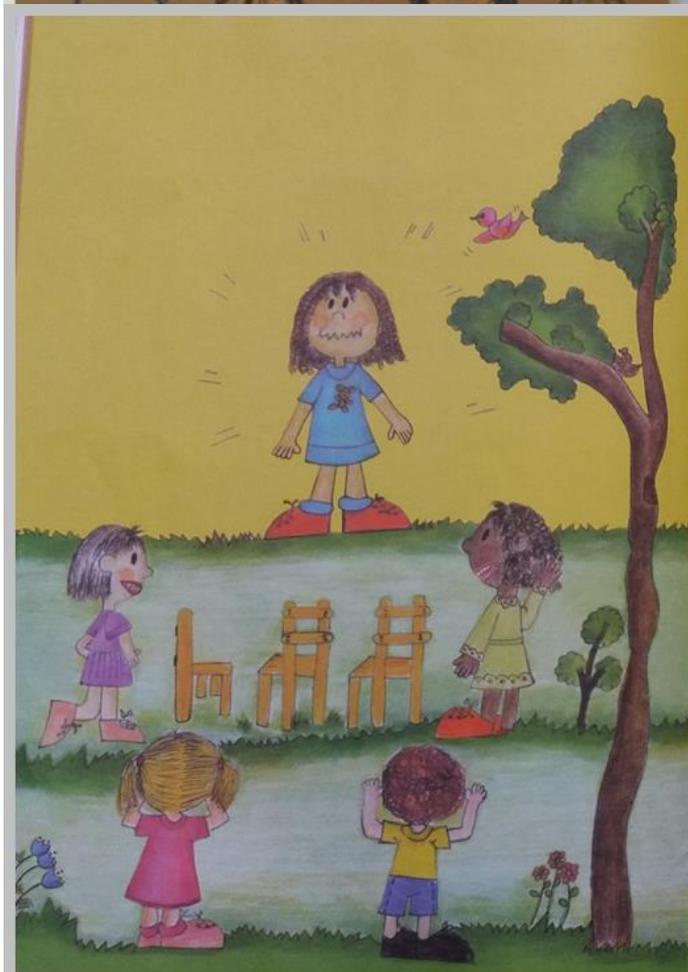
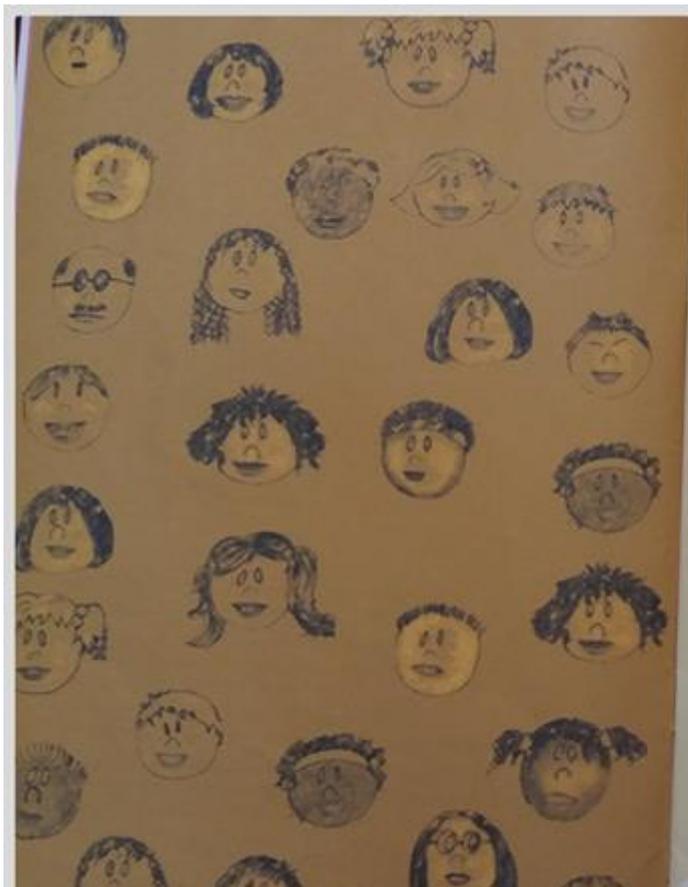
Aos surdos que guardam nosso rosto e nossos nomes,
e ainda nos oferecem um sinal identitário, um sinal de carinho.

Que nos ensinaram a caminhar mais um pouco nessa missão que
nunca finda: de amarmos uns aos outros e compreendermos
que todos fomos igualmente agradados por Deus com
a maravilhosa bênção da vida.

As autoras.

SUMÁRIO

Um quebra-cabeça.....	7
O mundo das bocas mexedeiras.....	11
Mistério resolvido.....	17
Descobrimdo o mundo das mãos.....	21



UM QUEBRA-CABEÇA

A escola da pequenina cidade estava mesmo em festa! Ao longe se ouvia o alarido da meninada. Era a semana da criança, o que é o mesmo que dizer gostosuras e diversões.

Ana olhava as crianças correndo em volta das cadeiras. De repente, sentavam-se. Assim fizeram até que uma coleguinha ganhou a brincadeira. Ana estava triste, pois, como sempre, foi a primeira a sair da competição. Ela se esforçava tanto, corria, imitando os colegas, mas não sabia a hora de parar. Ela não entendia por que as crianças não a escolhiam para formar equipes para brincadeiras.

Após a aula, os meninos saíram em bando pelas ruas empoeiradas. Ana ficou para trás, caminhando sozinha. Observava-os correndo, rindo e mexendo com a boca sem parar. Miudinha, cabelos longos e cacheados, Ana é uma menina meiga e alegre. Mas não hoje. Estava chateada. Na sua cabecinha, a vida parecia um quebra-cabeça onde faltava uma única peça para completar. Quem sabe até mesmo uma caixinha trancada, mas sem a chave!



Chegou em casa irritada, aborrecida de verdade. Foi para seu quarto e se olhou no espelho. Fez uma careta desabafando um pouco a sua tristeza. Abriu bem a boca e comparou: os dentinhos estavam lá, a língua, as bochechinhas... Estava tudo certinho, igual à boca de todo mundo.

Deitou-se em sua cama e ficou olhando para o teto. Por quê? O que estava acontecendo? "Há um grande mistério que eu preciso descobrir!", pensava enquanto abraçava seu ursinho.

8



9



10

O MUNDO DAS BOCAS MEXEDEIRAS

Desde que era um bebê, percebia as pessoas movimentando a boca. Mamãe olhava para ela, fazia-lhe cócegas na barriga e ficava movimentando os lábios.

Papai chegava, segurava-a, jogava-a para cima, rodopiava com ela, mas lá estava o movimento de boca.

Ela ficava intrigada porque quando alguém movimentava os lábios as pessoas pareciam entendê-lo.

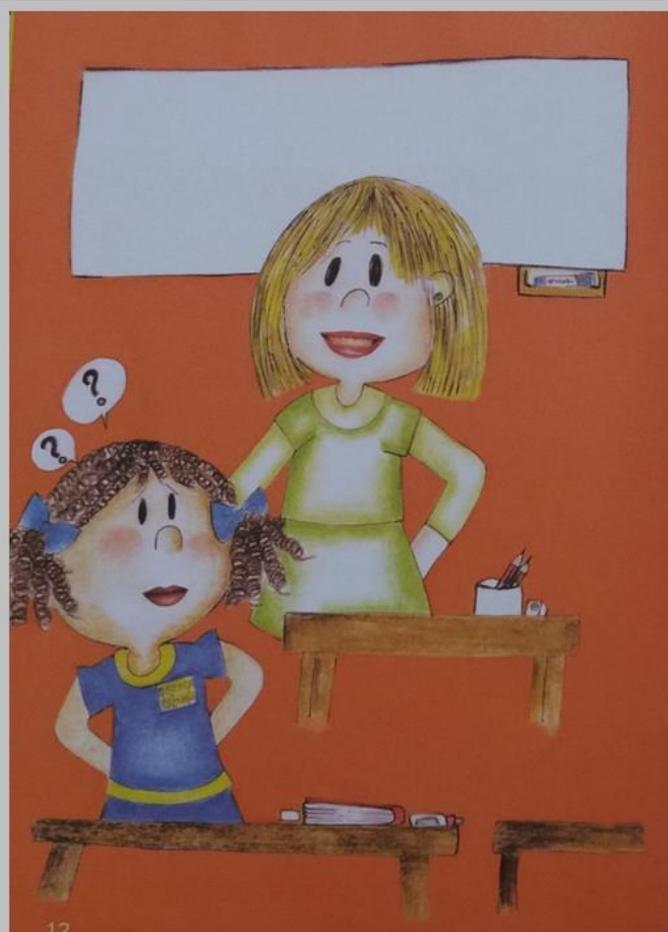
Na padaria, papai mexia a boca, e a moça do balcão lhe dava pão, queijo, presunto, leite, um tantão de coisas. Ela mexia a boca igualzinho e não ganhava nada. Que decepção!

No açougue, mamãe mexia a boca, e o homem lhe dava um pacotão de carne.

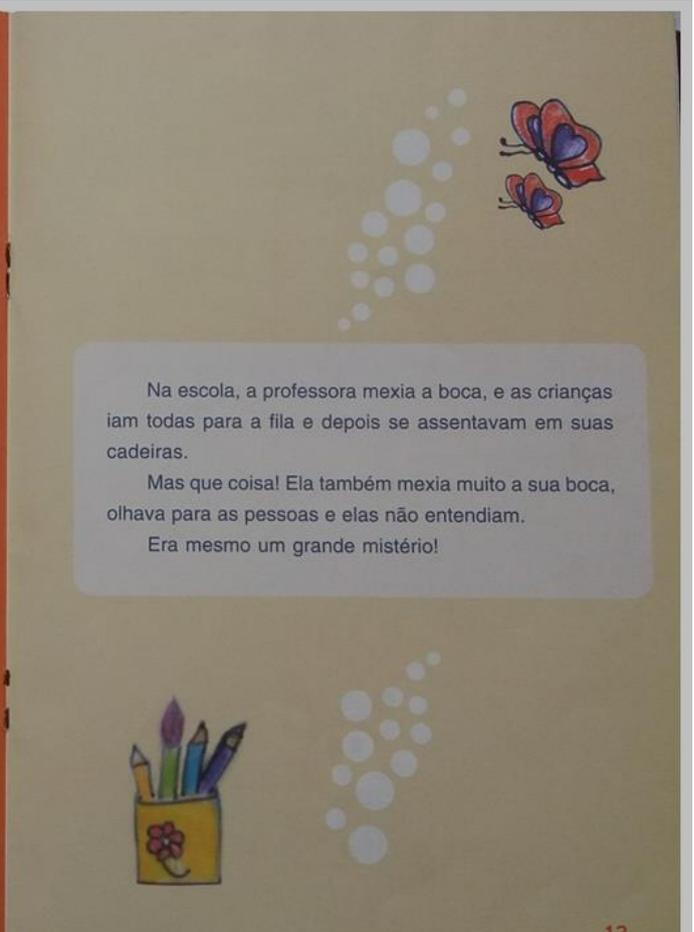
A confusão na cabeça de Ana só aumentava.



11



12

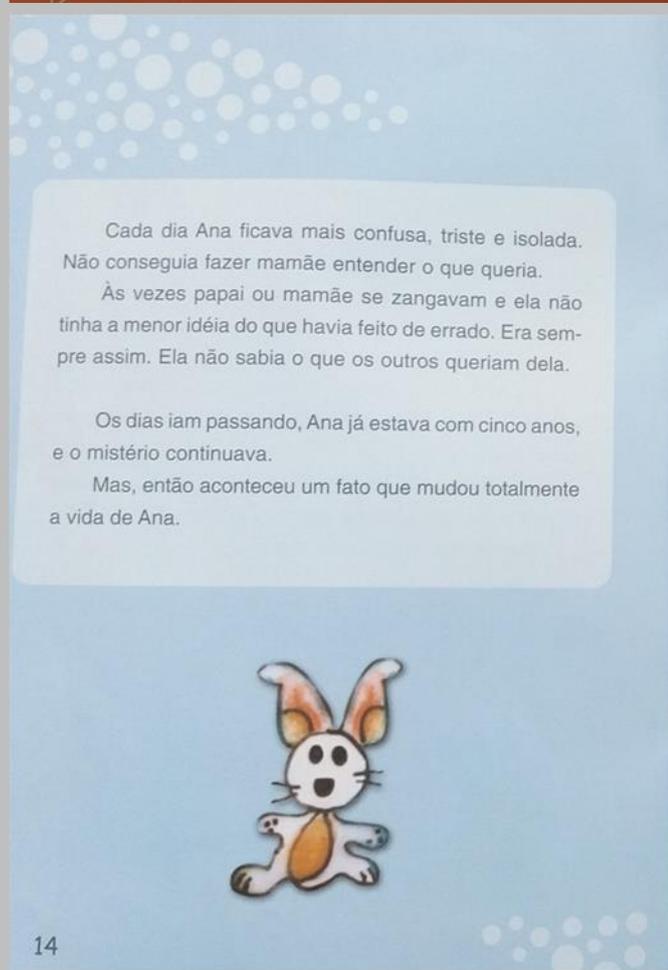


13

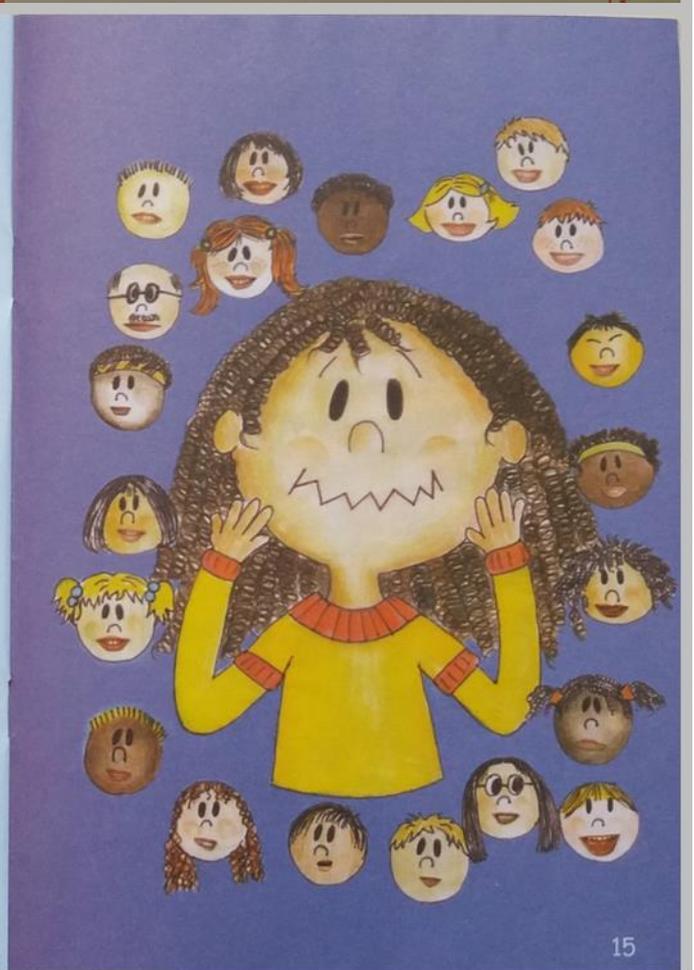
Na escola, a professora mexia a boca, e as crianças iam todas para a fila e depois se assentavam em suas cadeiras.

Mas que coisa! Ela também mexia muito a sua boca, olhava para as pessoas e elas não entendiam.

Era mesmo um grande mistério!



14



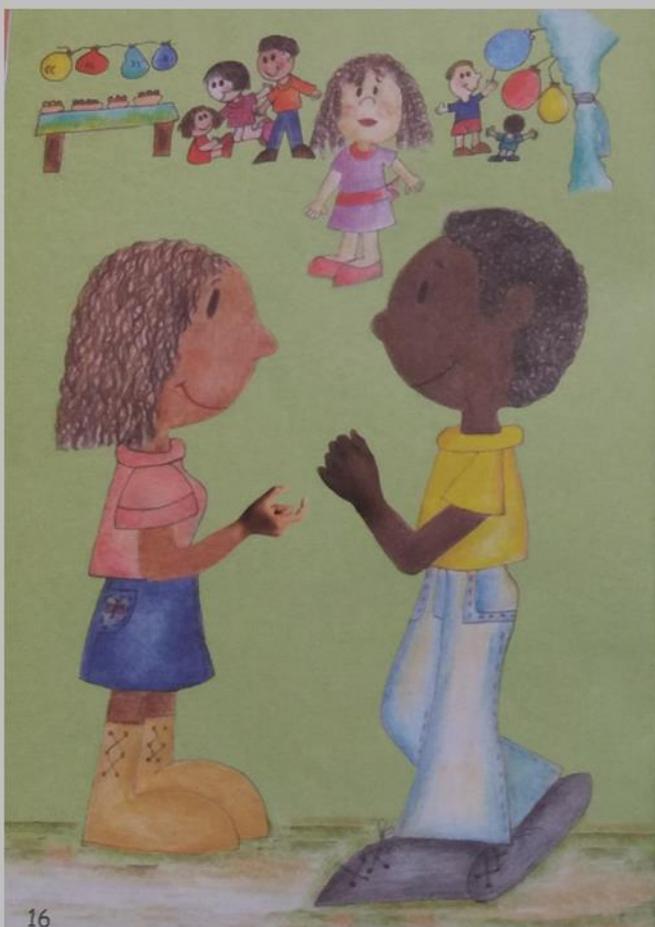
15

Cada dia Ana ficava mais confusa, triste e isolada. Não conseguia fazer mamãe entender o que queria.

Às vezes papai ou mamãe se zangavam e ela não tinha a menor idéia do que havia feito de errado. Era sempre assim. Ela não sabia o que os outros queriam dela.

Os dias iam passando, Ana já estava com cinco anos, e o mistério continuava.

Mas, então aconteceu um fato que mudou totalmente a vida de Ana.



16

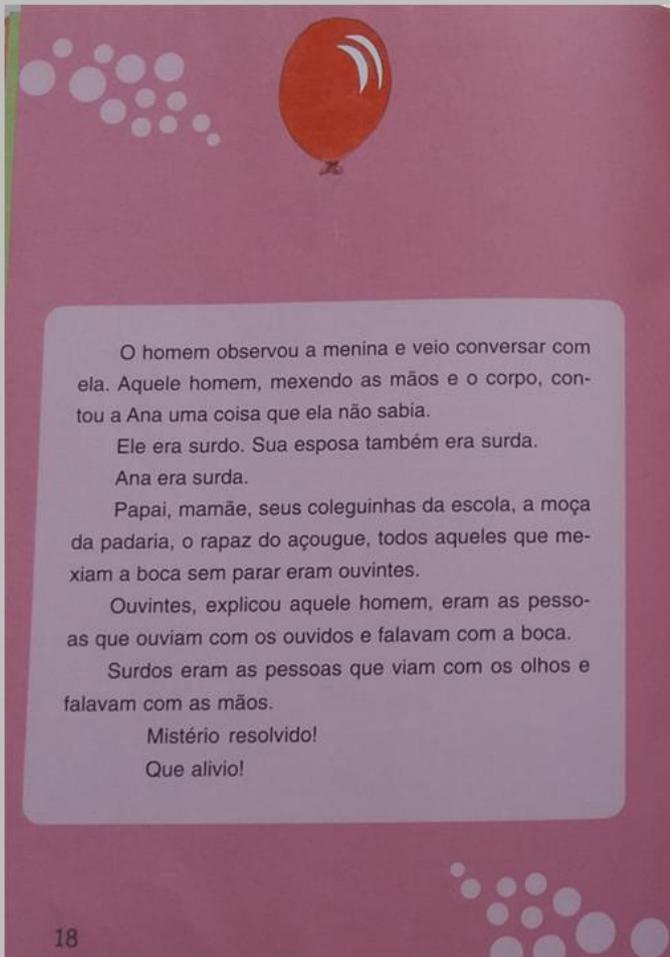
MISTÉRIO RESOLVIDO

Sua família foi convidada para uma grande festa: o casamento da filha do prefeito. Era um acontecimento notável para a pequena cidade. Vieram convidados da capital. Ana se perdia no meio das pessoas. Tanta gente!

De repente... Que estranho!

Ana viu um homem e uma mulher que não mexiam tanto a boca, mas, sim, as mãos e pareciam se entender.

Ana ficou ali, em pé, olhos arregalados, grudados naquele homem. O que era aquilo? Sem perceber, foi chegando cada vez mais pertinho deles.



O homem observou a menina e veio conversar com ela. Aquele homem, mexendo as mãos e o corpo, contou a Ana uma coisa que ela não sabia.

Ele era surdo. Sua esposa também era surda.

Ana era surda.

Papai, mamãe, seus coleguinhas da escola, a moça da padaria, o rapaz do açougue, todos aqueles que mexiam a boca sem parar eram ouvintes.

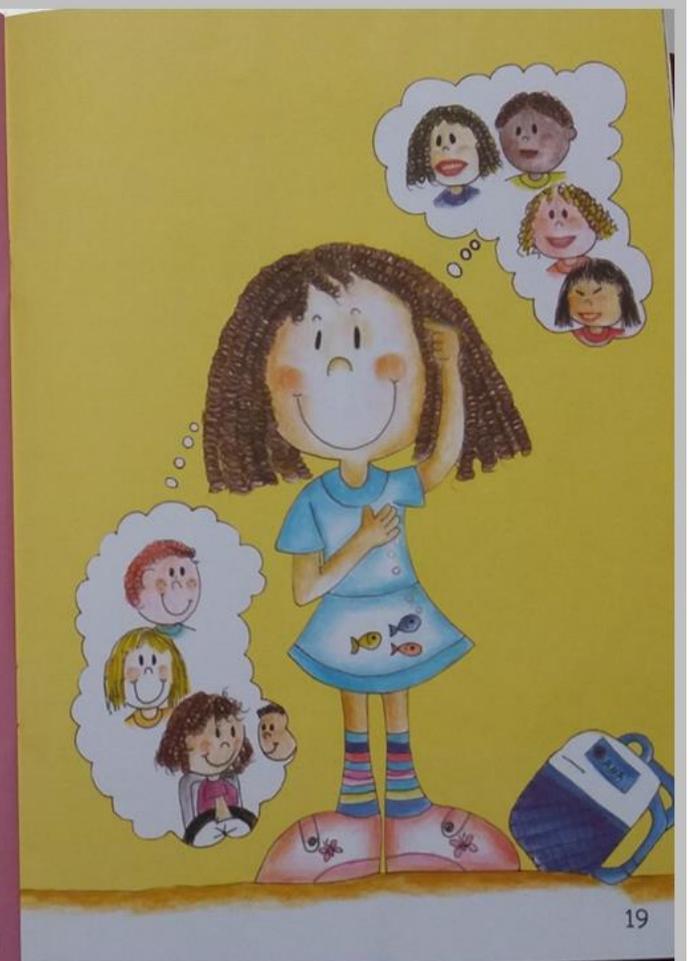
Ouvintes, explicou aquele homem, eram as pessoas que ouviam com os ouvidos e falavam com a boca.

Surdos eram as pessoas que viam com os olhos e falavam com as mãos.

Mistério resolvido!

Que alívio!

18



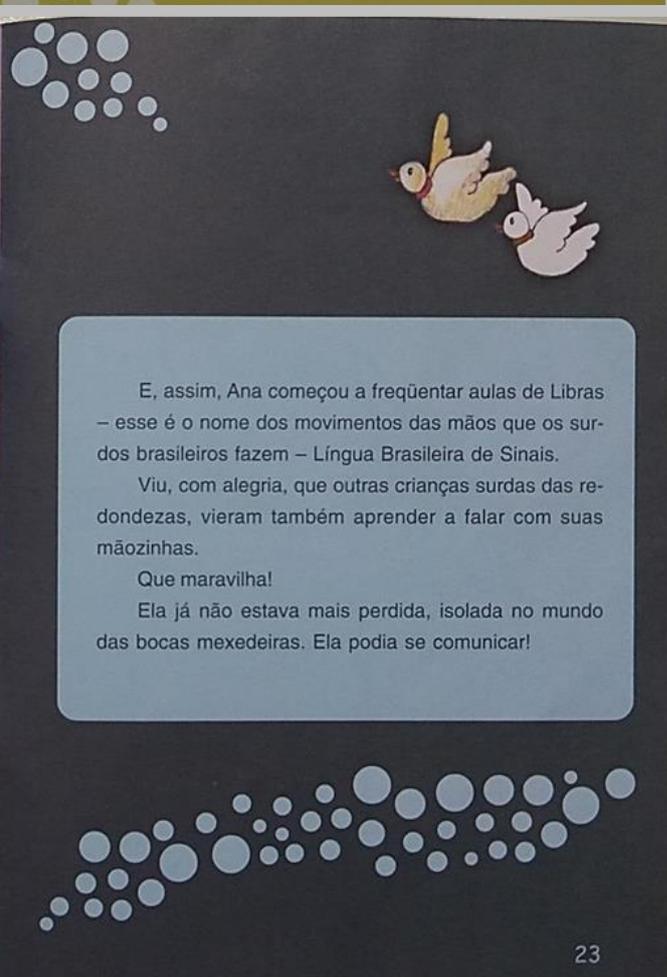
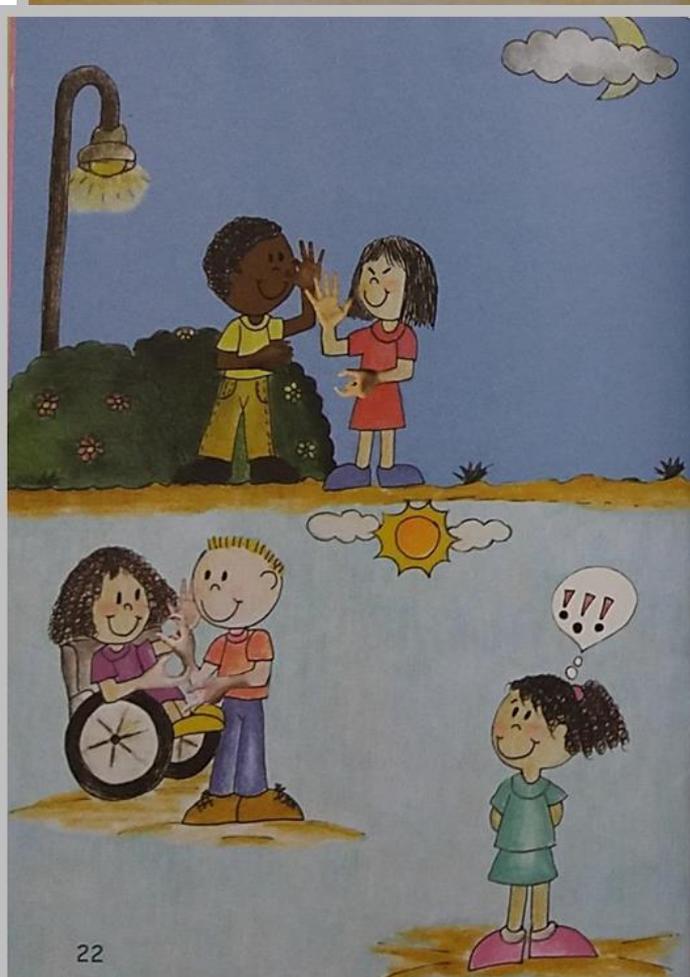
19



DESCOBRINDO O MUNDO DAS MÃOS

Ana sentiu no coração, lá dentro do peito, uma grande alegria. Ela era surda. Não era um quebra-cabeça incompleto! Nem uma caixinha sem chave! Podia fazer as pessoas entenderem seus sentimentos, dizer o que queria, usando as suas mãos, e não a boca.

Sensibilizado com a situação da criança, aquele homem providenciou com a Prefeitura um professor de língua de sinais para aquela pequena cidade.

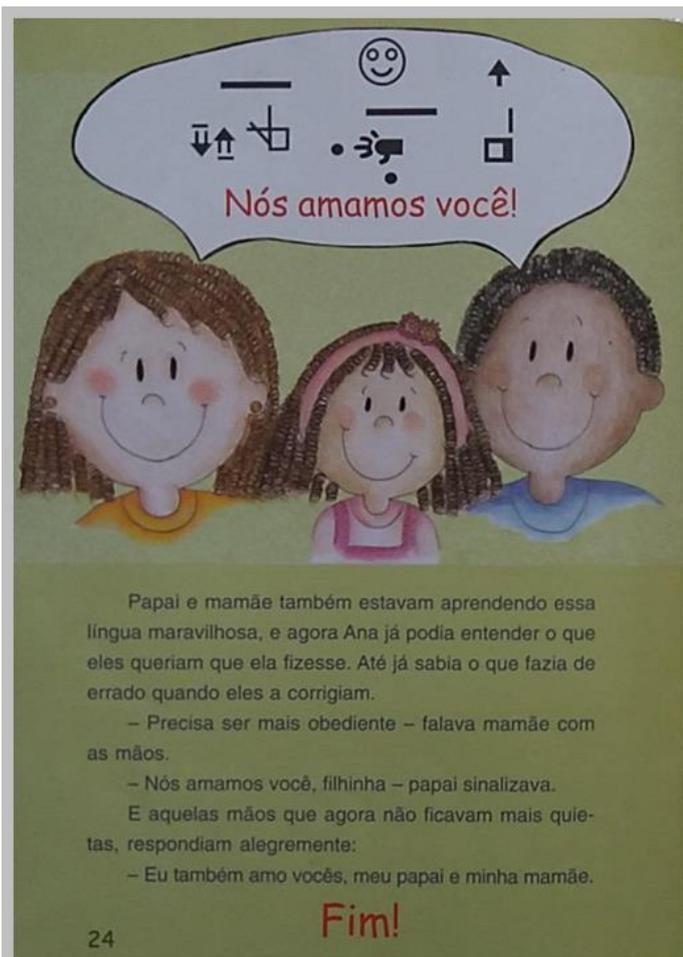


E, assim, Ana começou a freqüentar aulas de Libras – esse é o nome dos movimentos das mãos que os surdos brasileiros fazem – Língua Brasileira de Sinais.

Viu, com alegria, que outras crianças surdas das redondezas, vieram também aprender a falar com suas mãozinhas.

Que maravilha!

Ela já não estava mais perdida, isolada no mundo das bocas mexedeiras. Ela podia se comunicar!



Autoras:

Maria A. Amin de Oliveira: Neurologista infantil. Trabalha na rede municipal de Belo Horizonte. Conhecedora da Língua Brasileira de Sinais (Libras), com cursos na Federação de Surdos de Minas Gerais (FESEM), Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS) e envolvida na educação de surdos.

Maria Lúcia Mansur Bomfim de Oliveira: Professora de Português e Literatura Brasileira, em exercício na Diretoria de Educação Especial da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais - Órgão Central -, em Belo Horizonte. Curso de Libras em Contexto pelo CAS (Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e Atendimento às Pessoas com Surdez).

Ozana Vera Giorgini de Carvalho: Pedagoga com pós-graduação pela UEMG em Prática Inclusiva na Educação Especial. Trabalha na rede municipal de Contagem em escola inclusiva para surdos. Cursos de Língua Brasileira de Sinais (Libras) pela Federação de Surdos de Minas Gerais (FESEM), Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS), Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS) com Certificado de Proficiência no ensino de Libras, emitido pelo MEC em maio de 2006 e Certificado de proficiência na interpretação Libras/Português e Português/Libras, emitido pelo MEC em 2007.